



Universidade Federal de Goiás  
Faculdade de Dança e Educação Física  
Licenciatura em Dança

Andreyana Alves Costa

**Quando nasce um professor?:**  
Uma dança entre ficção e realidade

Goiânia

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### **1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome completo da autora: Andreyne Alves Costa

Título do trabalho: "Quando nasce um professor?: uma dança entre ficção e realidade"

### **2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### **Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Maria Antonia De Oliveira Souza, Professora do Magistério Superior-Substituta**, em 12/02/2025, às 13:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andreyne Alves Costa, Discente**, em 12/02/2025, às 13:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5160149** e o código CRC **E27FA102**.

Universidade Federal de Goiás

Andreyana Alves Costa

**Quando nasce um professor?:**

Uma dança entre ficção e realidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Dança. Orientadora: Profa Ms. Maria Antonia De Oliveira Souza.

Goiânia

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Costa, Andreyana Alves

Quando nasce um professor? [manuscrito] : Uma dança entre ficção e realidade / Andreyana Alves Costa. - 2025.  
LXIII, 63 f.

Orientador: Profa. Maria Antonia de Oliveira Souza.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Dança, Goiânia, 2025.  
Bibliografia.

1. docência. 2. ancestralidade. 3. redes de apoio. 4. identidade. 5. reflexão docente. I. de Oliveira Souza, Maria Antonia , orient. II. Título.

CDU 793.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **13/12/2024**, às **11 horas**, na **sala de Dança 04 da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD)**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“Quando nasce um professor?: uma dança entre ficção e realidade”**, de autoria de **Andreyne Alves Costa** do curso de **Dança - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (FEFD/UFG). Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Ma. Maria Antonia de Oliveira Souza - orientadora FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Profa. Dra. Ana Maria Alonso Krischke - FEFD/UFG** e **Profa. Dra. Adriana Delbó Lopes - FAFIL/UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora considerou o TCC **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Antonia De Oliveira Souza, Professora do Magistério Superior-Substituta**, em 12/02/2025, às 13:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Maria Alonso Krischke, Professor do Magistério Superior**, em 13/02/2025, às 15:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Delbo Lopes, Professora do Magistério Superior**, em 14/02/2025, às 18:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5160143** e o código CRC **79BEC539**.

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho à minha mãe, que não pôde viver seus sonhos, mas que, mesmo diante de muitas dificuldades, nunca me impediu de viver os meus. Aos meus cachorros, que me levaram em segurança todas as manhãs para o primeiro ônibus do dia. E a todos os que fazem parte da minha vida e que compreenderam a pouca presença que pude oferecer nesse percurso.

## Epígrafe

Tem uma história sobre um peixe. Esse peixe foi até um ancião e disse:

— "Tô procurando um negócio. Um tal Oceano."

— "O oceano? Você está no oceano.", o ancião falou.

— "Isso?", disse o peixinho. "Isso aqui é água. O que eu quero é o Oceano."

(Essa história é contada pela personagem Dorothea Williams, no filme *Soul: Uma Aventura com Alma*).

## Resumo

Esta pesquisa, apresentada em forma de conto, visa ser um acalento e um mergulho na ancestralidade e nas diversas formas de saber. Explora o caminho, muitas vezes solitário, de compreender o que é ser professora(o,e), refletindo sobre como a comunidade pode transformar profundamente o indivíduo e como esses saberes reverberam na prática docente. Apesar de nascer e de morrer serem condições humanas que ocorrem de uma forma única, este trabalho ressalta que o percurso não precisa ser solitário. Redes de apoio podem ser tecidas no cotidiano por meio da fala, escrita, dança, desenho ou bordado, transformando o acolhimento em arte e tornando o caminho mais bonito para aqueles que enfrentam as dificuldades da profissão. A proposta é unir os contos da infância às leituras acadêmicas da vida adulta, numa jornada que convida a uma imersão entre ficção e realidade. O objetivo não é oferecer uma fórmula definitiva, mas sim provocar reflexões sobre o que significa ser e sentir-se professora(o,e). Cada um vive seu próprio despertar, cada um tem o seu chamado para essa profissão, embora, muitas vezes, o que nos une sejam anseios que por vezes nos privamos de compartilhar. A descoberta pode ser extensa, infinita, e, em alguns momentos, sua imensidão não caberá em palavras. Contudo, o que permanece é que não precisa ser uma jornada solitária. Em conjunto podemos construir pontes que unam diversos saberes e vivências. Fica, então, o convite para participar dessa jornada.

**Palavras-chave:** docência, ancestralidade, redes de apoio, identidade, reflexão docente.

## ABSTRACT

This research, presented in the form of a short story, aims to be welcoming and delve into ancestry and different forms of knowledge. It explores the path, often alone, of understanding what it means to be a teacher, reflecting on how the community can profoundly transform the individual and how this knowledge reverberates in teaching practice. Although birth and death are frequently mentioned human conditions, this work highlights that a journey does not have to be solitary. Support networks can be woven into everyday life through speech, writing, dance, drawing or embroidery, transforming hospitality into art and making the path more beautiful for those who face the difficulties of the profession. The proposal is to combine childhood stories with academic readings from adult life, in a journey that invites a tradition between fiction and reality. The objective is not to offer a definitive formula, but rather to provoke reflections on what it means to be and feel like a teacher. Each person experiences their own awakening, each person has their own vocation for this profession, although, often, what we have is a desire that, despite being important, sometimes we refrain from sharing. The discovery can be extensive, infinite, and sometimes its immensity cannot be expressed in words. However, what remains is that it does not have to be a solitary journey. Together, we can build bridges that unite knowledge and experiences. That is why you are invited to join this journey.

**Keywords:** teaching, ancestry, support networks, identity, teaching reflection.

## SUMÁRIO

<b>Que chegue como um acalento.....</b>	<b>08</b>
<b>Transforma teu pranto em Dança.....</b>	<b>11</b>
<b>Devagar também é tempo.....</b>	<b>30</b>
<b>O brejo não impede que o buriti floresça.....</b>	<b>45</b>
<b>A escrita pode mudar sentimentos.....</b>	<b>53</b>

## Que chegue como um acalento

Goiânia, 04 de junho de 2024.

Querido André,

Recebi sua carta há alguns dias e, desde então, tenho escrito inúmeros esboços. Deixei as palavras e os meus pensamentos descansarem antes de te enviar a minha resposta. Ressalto que não existe apenas uma resposta para as inquietações que você descreveu; há inúmeras possibilidades que podem variar de acordo com as vivências de quem as lê. Estou tentando encontrar as palavras certas para transmitir as inúmeras vivências que tive com meus e minhas ancestrais, e sei que é uma tarefa quase impossível.

Uma das falas de Ailton Krenak (2020) diz: "Me alegra vivenciar essa sensação e procuro formas de comunicá-la, mas também entendo e respeito que cada pessoa tem sua própria maneira de caminhar neste mundo." É assim que me sinto — tentando compartilhar algo profundo, mas sabendo que cada um tem sua própria experiência.

Você menciona que, assim como na dança, ainda tem dificuldade em ser livre. A ideia de liberdade pode ser assustadora, mesmo sabendo que a vida, muitas vezes, é como dançar sem um roteiro definido, contar uma história através do improviso. Embora você entenda que a vida não segue roteiros e que não existem várias versões da primeira experiência para serem editadas, ela sempre nos oferece a chance de fazer diferente em outra oportunidade.

Isso me faz recordar quando conheci a história da *Bromelia braunii*<sup>1</sup>, uma planta da família Bromeliaceae. Por muito tempo, essa planta viveu livremente em seu habitat natural, localizado na região sul do Tocantins e norte de Goiás. No entanto, sua existência está sendo ameaçada de extinção devido à expansão da agricultura e da pecuária. Ao ser retirada de seu habitat, ela não consegue sobreviver em outros lugares. Atualmente, essas plantas estão sendo cultivadas em laboratório, e eu me pergunto se as futuras gerações conseguirão vê-las no cerrado. Isso me faz refletir sobre a liberdade e o que significa estar verdadeiramente livre. Precisamos lutar por nossa liberdade e exercê-la.

---

<sup>1</sup> A *Bromelia braunii* é uma planta da família Bromeliaceae, com apenas cinco registros, na região Sul do Tocantins e Norte de Goiás. É uma das plantas conhecidas mais raras do Cerrado e apresenta potencial de uso paisagístico e alimentar, uma vez que espécies desta família podem gerar frutos semelhantes a um abacaxi. Disponível em: PAT Cerrado Tocantins. Acesso em: 11 set. 2024.

Não estou dizendo que é uma tarefa fácil, mas já parou para pensar que a arte precisa sair das salas que servem como laboratórios de criação?

Muitas vezes, perdemos coisas que os ensinamentos da cidade nos fazem pensar serem facilmente substituíveis. Ailton Krenak (2020) me alertou sobre "a vida na cidade, onde tudo parece ter uma existência automática; não refletimos sobre de onde vem o que consumimos ou para onde vai o ar que expiramos." Quando você pergunta por que não chamar de "sonhos" a oportunidade de fazer o que eu quero, aprendi com Nêgo Bispo (2020) que a palavra "sonho" geralmente carrega a ideia de algo que termina quando acordamos. Devemos nos manter despertos para criar nossos propósitos, permitindo que nossas trajetórias sejam guiadas por nossa ancestralidade.

Você me pergunta onde aprendi a importância da escrita. Aprendi que escrever também é dançar; é uma forma de preencher espaços que estão vazios, uma maneira de meu corpo deixar sua marca neste mundo, de como lidei com esse espaço e com esse tempo. Isso aprendi com todos os meus e minhas ancestrais, as palavras de Gloria Anzaldúa (1980) ressoam de maneira mais permanente em minha mente agora: "Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o olhar do opressor, sem me importar com a audiência. Mesmo tendo medo, ainda assim eu escrevo, e não é que eu não tenha medo de escrever, mas meu medo maior é de não escrever."

Sobre suas dúvidas sobre o que é ser professor, afirmo que, para mim, ser professora vai além de apenas transmitir o que se aprende em instituições acadêmicas. É se aprofundar na história, conhecer a verdadeira história, não apenas através dos livros, mas também pela oralidade. Logo, você perceberá que tudo está interligado: a dança é escuta, a dança é fala, a dança é olhar e não se calar, a dança é movimento, a dança é ação. Desde o momento em que você se propõe a ensinar, você já está exercendo um ato político. A maneira como escolhemos ensinar, os conteúdos que escolhemos ensinar e como escolhemos ensinar envolvem questões sociais e políticas.

Lembro-me de ouvir Nêgo Bispo (2021), que dizia: "No meu entendimento, o saber é orgânico, formado nas vivências do dia a dia da própria vida; está presente na vida de todos nós e nos pertence. É um saber ancestral, que pertence a todos nós." Precisamos assegurar o acesso a esses conhecimentos, pois só se luta por algo quando se entende o motivo real pelo qual se está lutando.

Você mencionou que, às vezes, não sente nada com sua dança, mesmo recebendo aplausos, e que prefere deixar suas ideias na gaveta. Isso me deixa angustiada, pois acredito que a dança, assim como a escrita, é uma forma de se conectar histórias e identidades. Conceição Evaristo (2006) me lembra que "até mesmo as histórias reais são inventadas na maneira como são contadas. Entre o acontecido e a maneira de contar o que se aconteceu, existe um abismo; é ali que dá espaço para a invenção." Portanto, a dança é uma forma de preencher esse espaço, de narrar nossas histórias e experiências de maneira única.

Todos esses autores — Ailton Krenak, Nêgo Bispo, Gloria Anzaldúa, Conceição Evaristo — nos falam de liberdade, expressão e conexão com nossos e nossas ancestrais. Nos lembram da importância de lutar por nossa liberdade e de como expressamos nossas vivências. Que você possa encontrar sua liberdade na dança, como um movimento que te conecta com o mundo e com sua própria história, transformando sua arte em uma forma de ação e expressão.

Esse saber que compartilho com você não é só meu, é nosso. Vem dessas pessoas que citei e de muitas outras que não tiveram suas vozes silenciadas. Esse é o papel que encontrei na dança e na escrita: transformar o conhecimento que aprendi na graduação em algo acessível, garantindo presença e preservação de nossa ancestralidade. Para que, no futuro, possamos ser plenamente livres e colher frutos como a *Bromelia braunii*. Espero que você se encontre na dança e descubra o que te inspira e o que te move.

Com carinho,

Aya Inã

## Transforma teu pranto em Dança

Já era tardezinha, beirando a noite, o céu estava com um pôr do sol lindo, cheio de nuvens espalhadas, repleto de cores como um azul profundo, lilás sutil e um laranja intenso. Sentada em um dos degraus que levavam ao quintal, observando o lindo pôr do sol, Malaika sabia que já estava quase na hora de ir embora para a sua casa. Com a boca cheia de jabuticabas, ela virou-se para o seu painho, que estava quase cochilando em sua grande rede azul, e pediu:

— Painho, conta a história do dia em que Oxum salvou a humanidade com a dança do amor. — Sua voz tinha o mesmo entusiasmo como o da primeira vez que ouvira a mesma história.

Luís levantou a cabeça, balançando-a com ternura, virou-se para a menina:

— Já te contei essa história tantas vezes, kekerê.<sup>2</sup> — explicou ele, tentando esconder a graça que achava do pedido inusitado da garotinha.

— Por favor, painho, conta só mais essa vez. Gosto de ouvir você contar! — insistiu Malaika, com a voz melosa.

Seu Luís suspirou. Com um sorriso tomando conta de seu rosto, ele disse:

— Você gosta mesmo é de ouvir sobre os Orixás<sup>3</sup>. Vou contar só mais essa vez, mas outro dia eu é que quero te ouvir contar. — Sentando-se na rede, para contar mais uma vez a história que fazia os olhos da garotinha brilharem, como um indecifrável quartzo fumê<sup>4</sup>.

Malaika tinha uma beleza singular: seu nariz era arredondado e lábios cheios e bem desenhados, estavam sempre acompanhados de um sorriso. Seu sorriso sempre transbordava no ambiente. A pele era dourada e se destacava na presença de qualquer luz natural. Ao sorrir, os seus olhos pequenos e expressivos diminuam ainda mais. Seus

---

<sup>2</sup> O termo kekerê tem origem Yorubá e significa "pequeno ou pequena."

<sup>3</sup> Orixás são entidades espirituais na religião Yorubá, Candomblé e na Umbanda.

<sup>4</sup> Quartzo fumê é uma pedra natural com uma certa transparência, com tons terrosos que variam de castanho claro a negro.

cabelos eram grandes e volumosos, como cachos de açaí. Ela usava roupas que destacavam a cor da sua pele, além de mesclar tradição com modernidade. Estava sempre com acessórios como pulseiras de sementes, brincos de capim dourado e colares de miçangas. Seus pés estavam sempre descalços, mas, quando necessário, ela usava sandálias de couro sintético.

Seu Luís logo iniciou a história:

Há muito tempo atrás, em um tempo que nem dava para imaginar o mundo de hoje, o planeta estava passando por tempos difíceis. Houve um período de muito sofrimento, desavenças e muita fome. Tudo isso porque, sem os ferros de Ogum, não havia equipamentos agrícolas para fazer a colheita. Ogum estava cansado do trabalho de ferreiro e também de viver na cidade. Ele desejava voltar a viver na floresta, adorava a vida que levava naquela época. Então, ele abandonou tudo e voltou para o destino de seu desejo.

Depois que descobriram que Ogum tinha abandonado tudo, os Orixás foram atrás dele para tentar resolver, mas foi tudo em vão. Ogum se sentia muito poderoso; para ele, nenhum Orixá poderia convencê-lo a voltar. Toda vez que algum Orixá ia atrás dele para tentar conversar, ele respondia de maneira violenta. Quase todos os Orixás já tinham ido lá, menos Xangô, deus do trovão, e Oxum, rainha das águas doces.

Foi então que, vendo a situação difícil que todos estavam passando, Oxum resolveu procurar os Orixás para pedir permissão de ir falar com Ogum. Mas, antes que terminasse de falar, os Orixás começaram a desdenhar dela. Como ela, tão jovem, tão bela, tão frágil, iria conseguir tal feito?

Não importava quem ia até Ogum, ele sempre agia da mesma maneira, sempre violento. Temendo pela vida dela, eles negaram, pois Ogum poderia feri-la ou até mesmo matá-la. Mesmo sabendo como Ogum era violento e ninguém ali confiava no potencial dela, Oxum insistia.

Vendo aquela confusão, onde todos falavam ao mesmo tempo, Obatalá, criador da humanidade e pai de todos os orixás, resolveu intervir. Após todos ficarem em silêncio, a jovem falou dos poderes que tinha, que fariam Ogum voltar. Convencido, Obatalá permitiu que Oxum seguisse para a floresta. Com os cabelos soltos, pés descalços e

alguns lenços transparentes na cintura, a bela jovem começou a dançar. Dançava lindamente, e o perfume que desprendia de seu corpo se espalhava pelo ambiente com o vento.

Ogum foi atraído pelo cheiro do perfume de Oxum, seguiu aquele cheiro até chegar onde a jovem estava dançando e ficou escondido atrás de alguns arbustos. Oxum via o olhar de Ogum completamente encantado por ela, mas fingia não o ver. Quanto mais ela dançava, mais encantado ele ficava. Oxum ia se aproximando cada vez mais de Ogum, até chegar tão perto que pôde colocar a mão em seus lábios. Ele estava tão chocado com a beleza de Oxum que não conseguia reagir direito, estava tão encantado que só a seguia.

E quando ele se deu conta, já estava na cidade, no lugar em que tinha dito que nunca mais voltaria. Os Orixás estavam lá, chocados e felizes; ela realmente havia conseguido tirar Ogum da floresta. Ogum tentou disfarçar, dizendo que tinha voltado por vontade própria, que não havia seguido os encantos da jovem, pois na cabeça dele todos pensariam que ele era fraco. Todos os Orixás aplaudiram a dança do amor de Oxum. Graças a ela, Ogum nunca mais saiu da cidade. O que antes era fome, virou fartura. Oxum, mãe das águas doces e protetora da fertilidade, salvou o mundo com a dança do amor.

— Queria entender por que você gosta tanto dessa história? — perguntou o Seu Luís.

— Ah, painho, por tantas coisas. Mas o que eu mais gosto é que, mesmo com todos ao seu redor duvidando dela, ela não duvidou de seu potencial. — expressiu Malaika, com um sorriso descrente.

— E isso vale para você também! — manifestou ele, tentando decifrar o olhar vago da menina.

— Eu sei. — afirmou ela.

— Chegue mais perto! — ordenou Seu Luís.

Malaika sentou-se no chão do lado da rede e apoiou a cabeça no colo de Seu Luís, que disparou a fazer cafuné nos cabelos da menina.

— O que você vive hoje foi sonho de muitos que morreram esperando que se tornasse realidade. Muitos morreram lutando, para garantir o seu direito de ser livre, para que além de existir, você pudesse viver. O mundo de antes não era justo, o de hoje também não é, o de amanhã parece estar longe de ser. Mas quando deixa de viver a sua vida, seja o motivo qual for, você deixa de existir em vida. As lutas vão perdendo força, a ancestralidade deixa de ser passada adiante. Essas tranças rasteiras de seu cabelo, para muitos, são só tranças. Mas você sabe das histórias e da importância desses caminhos formados. — concluiu Luís.

Com o tempo, Malaika perdeu parte da força que havia conquistado na infância. As demandas da fase adulta lhe davam a sensação de ser fraca e imperceptível. Sentia-se como um grão de areia dos Lençóis Maranhenses, lugar que sempre a fascinou. Ela gostava de refletir sobre como pequenos grãos de areia criavam dunas tão magníficas. Cada grão de areia ali tinha uma história única, esculpida de diferentes formas pelo mesmo tempo. O propósito de todas era o mesmo, o que fazia o resultado ser algo monumental.

O céu estava semelhante às tardes que passava na casa de Dona Canô e Seu Luís, tardes animadas, tão animadas que passavam rápido. Na mente, as lembranças repletas de saudade de seu pai e o desejo de tê-lo ali; tentando mentalizar isso, e, ao mesmo tempo, segurar o choro. O que era em vão, no rosto as lágrimas já estavam presentes, mas de maneira contida. Ela estava coberta de terra vermelha, com fome, com dor de cabeça e acabou perdendo a hora do ônibus 369, o único que a levava direto para o setor em que morava.

Outro ônibus a faria caminhar por mais 15 minutos, tudo o que ela não queria era encontrar um conhecido que a visse naquela situação deplorável. Malaika observava de longe a rua em que ficava a sua casa, parecia vazia, mas ainda havia a casa de Dona Canô, a única casa do quarteirão que não era murada. Malaika tentou passar rapidamente, mas é claro que:

— Malaika! — exclama Dona Canô.

A jovem limpou o rosto rapidamente e se aproximou da senhora.

— Oi, mainha.

Dona Canô, com um semblante preocupado, indagou:

— Que voz é essa, minha filha? Você estava chorando? O que houve?

— Não foi nada, não. A bença?

Dona Canô balançou a cabeça e enunciou:

— Deus te faça feliz! Se não quer dizer agora, não diga, mas não me diga que não foi nada. Vem lanchar.

Ela puxou Malaika para um abraço afetuoso e começou a procurar um pano do varal para limpar seu rosto.

— Espera aqui. — mencionou Dona Canô, indo até ao quintal.

— Vem cá, deixa eu te benzer. — Dona Canô pronunciou, voltando do quintal com três folhas de laranjeira.

— É benzimento para tirar sol da cabeça, né? Com quem a senhora aprendeu? — perguntou Malaika, se aproximando.

— Sim é. Aprendi com a Nelma (2022) a segurar três folhas de laranjeira na mão esquerda, uma toalha e um copo com água sobre a cabeça da pessoa. Reze: “Encontrei, Nossa Senhora, sentada na pedra fria, pedindo o sol e luz e Ave Maria. Deus tire essa dor de cabeça, seja do sol ou de quem te mal olhou.”

Dona Canô seguiu o ritual, e ao terminar o benzimento, Malaika sentiu como se um peso tivesse sido tirado de seu corpo.

— Você lembra que, quando era pequena, eu te benzia? Uma vez, chamei um grupo de oração, você chorava sem parar, era impressionante.

Malaika riu com o relato de Dona Canô.

— Não lembro disso, não, mas eu era um bebê, né? — indagou Malaika, sorrindo. — Queria conseguir curar as pessoas como você, mas minha memória é tão ruim que reprovei na catequese na prova de orações. Precisa de tantas coisas para benzer, né?

— Além de saber as rezas, precisa ter fé, Maika. Digo que não curo ninguém; quem cura é Deus. Benzo com fé, mas se a pessoa benzida não tiver fé, não adianta. Benzo sem plantas, benzo no sábado, benzo em qualquer horário, benzo independente das fases da lua. Sei que quando se é instrumento de Deus, não se pode negar auxílio a ninguém.— respondeu Dona Canô, com serenidade.

— Acabei de passar um café e o cuscuz está quase pronto. Anda logo, Maika, venha fazer companhia para a sua mainha.

— Tá bom, mas não posso ficar muito, tá? — relatou Malaika.

— Adiante o passo. Fui na feira também e comprei mexerica, laranja...

— Deixa eu adivinhar, tem banana também? — expressou Malaika sorrindo.

— Sempre, Maika! — confirmou Dona Canô, com um sorriso amável. Malaika cresceu ouvindo que a banana podia trazer sorte e também afastar espíritos maliciosos.

Dona Canô era vizinha de Malaika, embora morasse um pouco distante. A casa de Malaika ficava em uma ponta, e a de Dona Canô na outra extremidade da mesma rua. Dona Canô era mais do que uma simples vizinha; ela havia praticamente criado Malaika, ao lado de seu marido, Luís. Os dois a conheceram quando ela era bebê, a mãe de Malaika a teve muito jovem, na época não havia nem terminado o ensino médio. E o pai já havia desistido dela mesmo antes de seu nascimento. A sua vida era sobre jogar futebol, ficar bêbado e se meter em brigas.

Canô e Luís ajudaram ativamente na criação de Malaika. Seu Luís era um homem alto, com um cabelo Black Power<sup>5</sup> ao qual dedicava horas de cuidado. Seus olhos, brilhantes como jabuticabas, resplandecendo de alegria sempre que falavam sobre algo que amava. Ele estava sempre perfumado, graças aos presentes de Dona Canô e de Malaika, que, ao crescer, passou a presenteá-lo com hidratantes corporais, cremes pós-barba e perfumes, sabendo o quanto ele apreciava presentes de autocuidado. Seus olhos eram como obsidiana preta, e tinha lábios pequenos e cheios como tâmaras. Tinha

---

<sup>5</sup>Oswaldo Faustino (2013) explica a potência dos Cabelos "Black Power" que a circularidade e a importância da circularidade, princípio fundamental das culturas de matriz africana, deixar os cabelos crescerem soltos, livres e redondos é uma forma de expressar essa conexão.  
Disponível em: <https://www.editorapeiropolis.com.br/a-princesa-e-o-seu-black-power/>. Acesso em: 26 nov. 2024.

orgulho de cada marca em seu corpo. Compartilhava com seus filhos e com Malaika os costumes e tradições da cultura Yorubá, uma forma de manter viva a herança de seus antepassados.

Dona Canô, por sua vez, era o oposto do marido em muitos aspectos. Não gostava de falar sobre os momentos tristes de seu passado. Embora respeitasse os costumes e tradições do marido, Dona Canô era católica. No entanto, isso nunca foi motivo de desentendimento entre eles; pelo contrário, ele a acompanhava todos os domingos à primeira missa do dia.

Canô tinha uma presença calorosa e acolhedora. Sua pele tinha um brilho natural que realçava o tom ébano<sup>6</sup>. Seus cabelos eram repletos de mechas onduladas. Tinha olhos expressivos que carregavam uma tristeza sutil, reflexo das histórias que não contava. Seus lábios estavam sempre realçados pela manteiga de cacau. Insegura com sua altura, ela quase sempre usava seu tamanco Azaleia.

Sua casa era típica do interior, algo que Malaika adorava por remeter à paz, sendo o único ponto verde no meio do cinza de tanto concreto ao redor. O chão era de terra batida, firme e resistente, era varrida regularmente. À direita da porta de entrada, possuía um arbusto de hibisco vermelho<sup>7</sup> que dava acesso ao caminho que levava à entrada da casa. Ao lado, tinha uma árvore de porte médio repleta de flores de jasmim-laranja<sup>8</sup>. No solo abaixo havia várias flores denominadas popularmente como maria sem vergonha<sup>9</sup>. À esquerda, um pé de amora e do lado uma grande touceira de capim-limão.

Na varanda, um arbusto de comigo ninguém pode<sup>10</sup> e uma samambaia pendurada no centro. Havia também uma mesa revestida de fibra sintética com um conjunto de três cadeiras: duas faziam parte do conjunto de mesa, enquanto a terceira era uma cadeira de balanço, onde Dona Canô gostava de passar as tardes. Não para fazer fofoca, mas sim para admirar o pôr do sol e observar as crianças brincando na rua.

---

<sup>6</sup> Ébano é uma árvore da família das ebenáceas, madeira nobre, possui uma coloração preta e lustrosa.

<sup>7</sup> O hibisco vermelho (*Hibiscus sabdariffa*) é uma planta amplamente conhecida por suas flores com cores vibrantes e pelos seus múltiplos usos.

<sup>8</sup> *Murraya paniculata*, popularmente conhecida como jasmim-laranja ou murta-de-cheiro.

<sup>9</sup> *Impatiens walleriana* é uma planta também conhecida como "maria-sem-vergonha" ou "beijo-de-frade".

<sup>10</sup> *Dieffenbachia seguine*, popularmente chamada de comigo-ninguém-pode.

Seu Luís havia falecido há um ano e meio, vítima de uma parada cardíaca súbita. Todos sofreram muito com a sua morte, e Dona Canô, especialmente, sofreu muito, foram 45 anos casados.

Luís gostava muito de Malaika e apreciava quando ela o chamava de "painho", assim como Dona Canô gostava quando a chamavam de "mainha". Na verdade, o nome de Dona Canô era Maria do Carmo, e ninguém sabe a origem do apelido "Canô". O que se sabe é que, na infância, Malaika não conseguia nem pronunciar o próprio nome, Luís acabou dando a ela o apelido de Maika.

Dona Canô entendia o processo de crescimento de Malaika. A menina que corria todo fim de tarde para pegar as frutas da estação no seu quintal havia crescido. Na infância buscava pelo sabor levemente ácido e adocicado do maracujá da casca roxa<sup>11</sup>, usado para acalmar suas emoções; outras vezes, eram as goiabas doces que ela colhia para presentear sua nova paixão; e as ciriguelas que comia ouvindo as histórias recentes e antigas de Dona Canô e suas irmãs.

A partir de uma certa idade, Malaika sabia que não podia mais incomodar Dona Canô com o que ela pensava ser um problema. Para ela, Dona Canô tinha problemas muito mais sérios: ela era uma mulher negra que trabalhou a vida inteira como funcionária do lar<sup>12</sup> para a sua família adotiva, ganhando um salário mínimo e ainda precisando fazer faxina para completar a renda. Dona Canô havia sido adotada ainda bebê e nunca teve as mesmas oportunidades dadas aos irmãos. Pelo contrário, ela cresceu servindo-os, seja como babá, funcionária do lar, jardineira, cuidadora dos animais domésticos, etc.

No caminho até a cozinha, Dona Canô relatava o seu dia para Malaika.

— Acredita que o Felipe aprendeu a amarrar o próprio cadarço? — disse Dona Canô. — Hoje tive que fazer almoço correndo com a Alice no colo. A mãe dela a deixou lá logo cedo, e a avó dele, a Meire, foi levar o Felipe na escola, deixou o cardápio do almoço e só voltou faltando 10 minutos para o marido chegar. Tive que fazer três tipos de carne e

---

<sup>11</sup> O nome científico é *Passiflora edulis* Sims, conhecida popularmente como maracujá de casca roxa.

<sup>12</sup> Tramita na Câmara o Projeto de Lei 4787/09, da deputada Luciana Costa (PR-SP), que muda a denominação de "empregado doméstico" para "funcionário do lar". O projeto modifica a Lei do Empregado Doméstico (5.859/72). Fonte: Agência Câmara de Notícias. Disponível em: Câmara dos Deputados. Acesso em: 9 ago. 2024.

Ricardo ainda reclamou, dizendo que a comida estava pior que comida de cachorro. Agora veja, minha filha, além de lavar a casa inteira, cuidar das plantas, da Alice, fazer o almoço sozinha, correndo, ainda descasquei as mexericas dele e ainda ouvi reclamação. E olha que só recebo um salário mínimo. — finalizou Dona Canô.

Ricardo era irmão de Dona Canô, médico oftalmologista. Na infância, ele já a humilhava, alegando ter "sangue azul". Sempre com falas e atitudes problemáticas, das quais Malaika e o Seu Luís estavam cansados de alertar Dona Canô. Ela não gostava quando os dois ou qualquer outra pessoa dizia algo sobre ele. Assim, todos mudavam de assunto sempre que ela começava a falar sobre ele, pois sabiam que ela acabaria se aborrecendo.

— É complicado, mainha. Você sabe que o meu maior sonho é te tirar dessa realidade. Ah, se eu ganhasse na loteria... — declarou Malaika.

— E vai conseguir com o suor do seu trabalho, Maika. Você já está no caminho certo, só não pode parar.

— Espero que sim mainha.

— Vem, vamos para a área. — chamou Dona Canô

A casa de Dona Canô tinha um cheiro bom, suave, com notas do aroma de jasmim. Graças ao vento, o cheiro predominante era indecifrável, mas incrivelmente acolhedor. Dava para ouvir o barulho do vento passando pelas árvores, o canto dos canarinhos e os avisos por cantos dos Bentevis avisando quando ia chover. As paredes eram rebocadas, o tom cinza transmitia aconchego. Tinham algumas prateleiras de madeira, presas no reboco, exibiam potes com utensílios de cozinha e panelas sempre limpas. A textura das paredes combinava com o chão de piso queimado e com os retratos dos familiares espalhados por toda a casa. Havia também muitos tapetes de retalhos em cada canto, e na cozinha, tudo tinha um toque de crochê. Além dos panos de prato com frases de efeito e dias da semana, a decoração era completada pelo porta-ovos em formato de galinha da Angola.

A área dava acesso a um amplo quintal, repleto de árvores frutíferas, como abacateiro, laranjeira, bananeira, mangueira, coqueiro, cajueiro, pinheiro, jaqueira,

goiabeira, caquizeiro, cajazeira e sirigueleira. Isso sem contar a horta e o grande jardim. Havia plantas por todo o lugar, todas muito bem cuidadas. Na área, havia uma grande mesa de madeira, com uma parede repleta de orquídeas penduradas.

Hoje, encontrei seu Elias. Ele me perguntou mais uma vez como o Luís estava, como se não lembrasse que Luís já não está mais entre nós — diz Dona Canô, enquanto se acomoda à mesa.

Malaika se senta em uma das muretas da área, observando a rede azul pendurada entre os dois pés de manga no quintal.

Dona Canô, com a voz serena, porém preocupada, indagou:

— Não quer mesmo me contar o que houve, Maika?

— Não foi nada de mais. — exprimiu Malaika, hesitante.

— Se é assim, então me conte! — insistiu Dona Canô.

Malaika, então, fechou os olhos, respirou fundo e desabafou:

— É sobre mais uma pessoa que, quando o dia não está indo bem e a frustração bate à sua porta, despeja suas frustrações nos outros. Como se a vida tivesse que satisfazer obrigatoriamente nossos desejos e planos. E então, eu estava no lugar errado e na hora errada. Juro que estou tentando procurar as críticas construtivas, o que é difícil quando se é comparada com um docente que está há anos na profissão. Gostaria de não ser de carne e osso, não queria sentir o desânimo da falha, queria não me cobrar tanto, queria acreditar pelo menos uma vez que sou suficiente. O fato de não falar sobre minhas dores e anseios não significa que eles não existam, que eu não tenha pensado em desistir inúmeras vezes. Inclusive hoje. Desculpe pelo desabafo, mainha. Isso nem é um problema de verdade.

— Sabe, Maika, pessoas feridas tomam atitudes ruins. É mais fácil ferir o outro do que curar a própria ferida. Sentar e refletir, separar o joio do trigo<sup>13</sup>, leva tempo e energia. E muitas vezes a procura é pelo caminho mais fácil. A gente não acelera o passo para alcançar os outros; cada um tem o seu próprio tempo, cada um tem um processo

---

<sup>13</sup> O provérbio "separar o joio do trigo" tem origem na Bíblia, especificamente no capítulo 13, versículos 24 a 30. Significa distinguir o que é bom e o que é ruim.

diferente. Considere que essa situação lhe permitiu enxergar o tipo de professora que você não deseja ser.

Dona Canô completou:

— Lembre-se, águas passadas não movem moinhos<sup>14</sup>.

— Sei disso, mainha. — responde Malaika, se levantando. Ela deu um beijo na cabeça de Dona Canô e foi até a cozinha.

"Se o Luís estivesse aqui, ele teria palavras bonitas, falaria sobre ancestralidade...", sussurrou Dona Canô.

Enquanto procurava a manteiga na geladeira, as palavras de seu ancestral, Nêgo Bispo (2021) ressoavam em sua mente do jeito sereno que ele sempre dizia: "Você tem que assumir os seus papéis no mundo, assumir o compromisso de ensinar o que eu te ensinei para quem precisa. Quando você faz isso, você tem que passar o conhecimento adiante, você mantém vivo o nosso conhecimento, e assim eu permaneço vivo, mesmo estando morto."

— Quando vier da cozinha, pega para mim os retalhos de fazer fuxico<sup>15</sup>. — solicita Dona Canô, despertando Malaika de seus pensamentos.

— Mainha qual profissão gostaria de ter seguido?

Dona Canô respondeu com um olhar melancólico:

— Nunca me permiti sonhar tanto.

Depois de uma pausa, ela complementou:

— Como é aquele poema da Carolina Maria de Jesus? Quantas coisas ela quis fazer, mas foi reprimida pelo preconceito.

Malaika, com um semblante triste, recitou:

---

<sup>14</sup> O dito popular "águas passadas não movem moinhos" tem origem popular e é amplamente utilizado em diversas regiões do Brasil.

<sup>15</sup>O artesanato de fuxico utiliza retalhos de tecido cortados em forma circular, que são costurados nas extremidades formando-se uma trouxinha.

Muitas fugiam ao me ver  
Pensando que eu não percebia  
Outras pediam para ler  
Os versos que eu escrevia

Era papel que eu catava  
Para custear o meu viver  
E no lixo eu encontrava livros para ler  
Quantas coisas eu quiz fazer  
Fui tolhida pelo preconceito  
Se eu extinguir quero renascer  
Num país que predomina o preto

Adeus! Adeus, eu vou morrer!  
E deixo esses versos ao meu país  
Se é que temos o direito de renascer  
Quero um lugar, onde o preto é feliz.

(Carolina Maria de Jesus, 1996)

— Canô, pegue aqui uma cumbuca com canjica! — diz Vilma gritando na porta.

Vilma tinha um tom de voz estridente, era divertida, alto astral e, por vezes, estava nervosa. Era o oposto de Dona Canô, que era a calma em pessoa. A irmã de Canô usava um escapulário de ouro no pescoço, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida de um lado, e do outro, Anastácia<sup>16</sup>, sempre mesclava na hora de chamar as santas.

Seus cabelos eram longos e estavam sempre arrumados; ela adorava fazer penteados. Seus olhos eram amendoados e bem expressivos, com cílios longos e curvados naturalmente. As sobrancelhas eram bem definidas, a esquerda um pouco mais arqueada, destacando-se quando ela fazia sua expressão de insatisfação. Suas unhas estavam sempre pintadas, uma cor semelhante à casca de buriti, marrom-avermelhadas. Suas roupas tinham cores vibrantes; por vezes, ela mesma fazia suas próprias roupas com sua fiel máquina de costura.

— Entre, tia! Mainha está na área. — pronunciou Malaika.

— Ah, foi até bom te encontrar, Malaika. Você dê cabo no jeito<sup>17</sup> imundo de Tina, viu?

---

<sup>16</sup> Anastácia foi uma mulher negra escravizada que se tornou uma personalidade religiosa de devoção popular no Brasil, sendo adorada informalmente por sua associação à realização de supostos milagres. Disponível em: [www.centroanastacia.com](http://www.centroanastacia.com). Acesso em: 30 ago. 2024.

<sup>17</sup> A expressão popular "dar cabo", no sentido figurado, significa dar um jeito ou procurar solucionar algo.

— Ah, a calopsita? — questionou Malaika, espantada.

— Não, a sua cachorra! Não se faça de desentendida. Eu arrumo minha horta de dia, ela destrói de noite. Tina é uma peste, e ainda bate no meu cachorro, Francisco Teodoro.

Tina era a cadela de estimação de Malaika, que tinha o mesmo nome da calopsita de Vilma. A tia de Malaika era fã da cantora Tina Turner. Já Malaika tentou vários nomes, mas a cadelinha só respondia quando a chamava de Tina. A cadelinha era uma caramela sapeca, vivia em situação de rua. Seu Luís se apegou à cadelinha Tina, conseguindo educar o seu jeito travesso de ser. Em pouco tempo, ela virou o xodó de Luís, que a chamava de "Denguinho". Tina o acompanhava em todos os lugares, assim como levava e buscava Malaika todos os dias no ponto de ônibus.

— Ah, tia, Tina tem um espírito livre, ela mesma se leva para passear.

— Você dê um jeito naquela sua cachorra custosa. — respondeu Vilma, chegando na cozinha.

— A bença?— pediu Malaika, pegando a mão da tia.

— Deus te abençoe! — murmurou Vilma.

— Vamos para a área. — chamou Malaika, equilibrando uma vasilha de manteiga em uma das mãos.

— Canô, mulher, te ligo, ligo e você não atende!

— Oi, Vilma, eu esqueci meu celular no silencioso, estava rezando o terço. — respondeu Dona Canô, levantando-se para abraçar a irmã.

— Senta, tem café fresquinho! — chamou Dona Canô.

Canô e suas irmãs foram separadas na infância, cada uma foi dada para algum parente que, por vezes, não tinha condições de dar uma boa vida. Dona Canô foi a única adotada por uma pessoa que não era da sua família – um irmão do patrão de sua mãe, que prometeu mundos e fundos: uma boa alimentação, estudos, e muitas oportunidades de ver a família. Tirando a alimentação, ele não cumpriu nada.

— Tia, lembra do livro que eu te aperreava para ler quando eu era criança?

— O da menina e o coelho? — questionou Vilma.

— Sim, “Menina Bonita do Laço de Fita.”<sup>18</sup> — respondeu Malaika, eufórica.

— Eu não aguentava mais ler aquele livro. Era todo santo dia, fora o cabelo que você queria igual ao da ilustração. — desabafou Vilma.

— Então era por isso que a senhora faltava arrancar minha cabeça fora. Eu preferia quando painho arrumava, ele tinha mais paciência. Hoje eu lembrei disso no estágio hoje — disse Malaika em tom de nostalgia — Quando senti o cheirinho de Mamãe e Bebê<sup>19</sup>, do cabelo do Matheus...Sinto falta das crianças de sua turma, fico pensando sobre o Arthur dormindo no colchonete, mesmo com a mãe dele pedindo para mantê-lo acordado. Sinto falta de ver as expressões da Heloísa ao descobrir os nomes das cores e, por vezes, largando tudo para tentar acalmar o Samuel, colocando a mão em seu coração.

— Mas e esse novo campo? — perguntou Dona Canô.

— Hoje foi meu último dia lá. Bom, esse novo campo é uma escola particular, trabalhei com crianças de diferentes idades e senti o peso de ser professora. Fiquei feliz quando uma criança com autismo, que confiava apenas em um professor, sentou no meu colo. Ele tinha um professor de apoio, pensei no CMEI, que mesmo sendo um direito garantido por lei, as crianças não tinham esses profissionais.

— Tento criar o meu neto Rafael da melhor maneira possível, mas sinto que falhei. Me sinto mal por não poder proporcionar uma escola como essa, me sinto mal por ter falhado como mãe, e pelo Rafael ter uma mãe tão ausente — lamentou Vilma.

— Pare, Vilma, cada um dá o que tem. Eu não recebi amor da minha família adotiva, mas aprendi a amar e a ser amada quando reencontrei você, Zélia, papai, conheci Luís e quando tive meus filhos. Aí tive a certeza do que era amor de verdade, filhos de ouro como os nossos.

---

<sup>18</sup> MACHADO, Ana Maria. *Menina Bonita do Laço de Fita*. Ilustrações de Claudius. São Paulo: Ática, 1986. Esta obra aborda temas como diversidade racial, valorizando a beleza negra e autoestima. Na narrativa, uma menina negra é profundamente admirada por um coelho branco.

<sup>19</sup> Mamãe e bebê, é um perfume da linha de cuidados da marca Natura.

— Pera lá, mamãe — rebate Damião, chegando na área e arrancando risadas de Vilma. — Rafael é um menino de ouro e eu também, mas Malaika e o Kayin podem ser os preferidos, agora filhos de ouro? Pera lá.

Damião era um homem de postura ereta e confiante. Sua voz era rouca, a dicção impecável, e seu rosto expressivo, com traços fortes. Os olhos carregavam uma melancolia profunda. Usava um perfume de cheiro levemente amadeirado e fresco. Apesar de ter dedicado anos estudando Energia Elétrica, não conseguia emprego em lugar algum, evidenciando que a meritocracia<sup>20</sup> era uma farsa.

— Painho sempre gostou mais da filha artista e do filho advogado. — provocou Damião.

— Ah pronto, agora isso. — respondeu Malaika, indignada.

— Damião, você sabe que eu e seu pai nunca tivemos disso, amamos os três igualmente. — afirmou Dona Canô, com toda a calma do mundo.

— Não é verdade, tia? Meu pai nunca brigou com a Malaika ou com Kayin. — afirmou Damião.

— Mentira, claro que ele já brigou comigo e com Kayin também! — rebateu Malaika.

— E contigo, quando foi? — questionou Damião, desconfiado.

— Quando passei o casulão nas minhas bonecas e no Fred. — respondeu Malaika

— Mas também, usou todo o creme de cabelo em um pato e um monte de espigas de milho que você chamava de bonecas. Queria saber quem te deu um pato? — recordou Damião.

— Eram bonecas sim! As bonecas daquela época, além de caras, eram frágeis. E Fred, o que dizer do meu amado Fred? Achei-o em um dos dias que fui com painho fazer farinha de puba, na chácara de Dona Luzia e Seu Raimundo. Sinto saudades dele, era

---

<sup>20</sup> Meritocracia é um sistema no qual o princípio é a valorização das pessoas com base em seu mérito, ou seja, suas habilidades, talentos, esforços e realizações.

tão apegado a mim. Quando o painho viu ele e minhas bonecas cobertos com o creme dele, me senti mal. Ele disse que ver o pote de casulão vazio doía mais que uma traição.

— Como Luís era dramático, né? Influência daquele tanto de novela que ele assistia. — comentou Vilma.

— Na verdade, ele sempre foi dramático — admitiu Dona Canô, sorrindo. — Mas vocês também sempre aprontaram. — acrescentou.

— Eu nunca aprontei, mãe. — defendeu-se Damião, saindo de fininho para a cozinha.

— Claro que não, só quebrou uma xícara do jogo que mainha mais gostava. — lembrou Malaika.

— Foi você, Damião? Passei dias procurando aquela xícara. — comentou Dona Canô.

— Ele enterrou no quintal, mainha. — revelou Malaika.

— Mãe, eu quebrei sem querer, estava salvando o mundo com o Super Choque.<sup>21</sup> — justificou-se ele, com a boca cheia de bolachas.

— Se você não tivesse enterrado, eu poderia ter colado, iria ficar belíssima! — sugeriu Malaika.

— Ah, claro, e painho achando que pelo seu nome significa anjo você iria salvar vidas sendo médica. — ironizou Damião.

— E ser médica é o único jeito de salvar vidas? — contestou Malaika. — Queria saber o que seria do mundo sem os artistas... — acrescentou.

Naquela tarde, os quatro passaram o tempo relembrando memórias de infância. Malaika refletia sobre as vivências nostálgicas do passado. Cada história fazia sua mente gerar várias ideias de formas de entrelaçar essas experiências antigas com o presente.

---

<sup>21</sup> *Super Choque* (título original: *Static Shock*) é uma série animada criada por Dwayne McDuffie, Denys Cowan, Michael Davis e Derek Dingle. A série aborda temas como racismo, violência e amizade, tendo como protagonista Virgil Hawkins, um adolescente negro que adquire superpoderes.

— Mainha, já vou! — anunciou Malaika.

— Espera, nem te mostrei como está o pezinho de romã que plantamos naquela época. — lembrou Dona Canô.

— Outro dia eu vejo. — afirmou Malaika.

— Por que não dorme aqui hoje? — insistiu Canô.

— Tenho que arrumar algumas coisas lá na casa da minha mãe, inclusive responder a uma pergunta que surgiu no meu diário de campo: Quando nasce um professor? No meu caso, uma professora?

— Que pergunta, minha filha! Nascemos humanos, e são raros os que nascem com uma profissão no coração. Falando em nascer — continuo Dona Canô — vou viajar amanhã, irei ajudar nos cuidados pós-parto de Artemisa e aproveitar para visitar sua bisavó Araci.

— Faça uma boa viagem, mainha! A bença. — pediu Malaika.

— Deus te faça feliz! Vai com Deus. Ainda tenho que arrumar umas coisas, sempre esqueço de levar a escova de dentes.

— Amém! Sim, a senhora sempre esquece...— respondeu Malaika, com um sorriso singelo. Lembrou-se, com um tom nostálgico, dos ensinamentos de sua bisavó indígena. Sua bisavó dizia que Nhandecy<sup>22</sup> fornecia tudo o que ela precisava. O ibaró<sup>23</sup>, massageado e misturado com água, virava sabão, e além de limpar, hidrata a pele e o cabelo. O urucum<sup>24</sup> usado para pinturas corporais, como protetor solar e repelente.

— A bença, tia. — expressou Malaika, dirigindo-se a Vilma.

— Que Deus te abençoe! — respondeu Vilma. — E, quando a tristeza tentar te atingir, lembre-se do Salmo 30:11-12: “Transformaste meu pranto em dança, removeste meu lamento e me envolveste em alegria.”

---

<sup>22</sup> Na língua tupi-guarani, a terra é vista como mãe, chamada de Nhandecy, que significa "mãe", "mãe-terra", "nossa mãe".

<sup>23</sup> Sapindus saponaria, pertencente à família das Sapindaceae, é popularmente conhecida como sabão-de-soldado, ibaró, entre outros nomes. A planta é utilizada como uma forma natural de limpeza.

<sup>24</sup> O urucum, conhecida cientificamente como Bixa orellana. Seus frutos contêm sementes que são usadas para produzir um corante natural de cor vermelha.

— E eu? — pergunta Damião.

— E você lá sabe o que é bença? Nem pediu à mainha e nem à tia hoje!

— Eu esqueci. — admitiu Damião, envergonhado.

— Poxa, eu também esqueci de você. — brincou Malaika.

— Tchau, gente, boa noite! Não morram de tédio com as histórias de Damião! — brincou Malaika, caçoando. Antes de sair, lançou: — Amo-te, trem chato!

Malaika tirou as chinelas e desceu descalça para a casa de sua mãe, querendo sentir o chão, mesmo estando revestido de asfalto. Com os cabelos soltos e a sensação de liberdade, logo começou a dançar sussa<sup>25</sup>.

Se movia suavemente de um lado para o outro. Sua coluna permanecia reta, e ela dava pequenos saltos que faziam suas pernas deslizarem. Movia-se com a leveza de um pássaro, com os pés pisando de uma maneira sutil, em sua mente ela estava flutuando. Ela girava ao redor de si mesma, realizava cada movimento com a leveza de uma folha levada pelo vento, seus giros criaram um movimento fluido, a luz dos postes amenizam a escuridão da noite, que não a assustava, parecia acalentá-la juntamente com o sereno que caía naquela noite.

Logo, Tina apareceu latindo, toda serelepe.

— Você está aí, né, Tina? Quer dançar também? — perguntou Malaika.

Tina latiu como se estivesse pulando.

— Vem, vamos dançar jiquitaia! — convidou Malaika.

Tina latiu novamente sem entender.

— Desculpe! — pronunciou Malaika, rindo da situação —, é como se tivesse pisado em um formigueiro, com várias formigas querendo subir pelo seu corpo. Sabia que a dança jiquitaia tem o nome da formiga jiquitaia? E em tupi-guarani é chamada de pimenta-malagueta. A picada dela arde tanto quanto a ardência da pimenta. Esse passo

---

<sup>25</sup> A Sussa é uma herança cultural que surgiu entre os descendentes de africanos que foram escravizados nas minas de ouro localizadas no centro e sudeste do Tocantins.

de dança da Sussa surgiu por causa disso, sabia? Meus antepassados, que foram forçados a escravidão, tinham que lidar com essas formigas também. Onde viviam, havia muitas delas. Eles tentavam a todo custo tirá-las do corpo, seja com as mãos, e quando não havia outra opção, pisavam como no sapateado. É tão bom dançar Sussa ao som do tambor, Tina.

Tina latiu, tentando replicar os passos de Malaika.

— Eu sei, eu sei. Nunca te levo, né? Você dá um trabalho, Tina. Mas na próxima eu te levo. Prometo!

Era noite de lua cheia, que parecia acompanhá-la naquela dança. Malaika se movia de uma maneira tão livre e feliz como raramente se permitia. Ao seu lado, Tina a seguia serelepe, em uma luta entre tentar reproduzir os passos da dona ou tentar pegar o próprio rabo. Malaika tinha certeza de que, assim como seu painho, todos seus e suas ancestrais estavam com ela. E que não seria Gardênia quem a faria desistir de seu sonho; afinal, quem cuidava dela não dormia, como ele sempre dizia.

## Devagar também é tempo

Naquela noite, Malaika dormiu profundamente em sua rede. No sonho, Malaika estava próxima à casa de sua bisavó, em uma encruzilhada<sup>26</sup>. Uma estrada que levava ao ponto onde raramente passava um ônibus; outra, era um caminho para a mercearia mais próxima; e uma terceira, à casa da sua bisavó. Ela seguiu pelo caminho até a casa da sua bisavó Araci, a estrada menos movimentada e a mais perigosa. Contavam histórias de meninas que haviam desaparecido ali; a área sofria com o desmatamento, e sua bisavó sempre a alertava que, ao se sentir ameaçada, que corresse para a mata. A floresta a protegeria daqueles que lhe quisessem fazer mal, guardada por espíritos como Jaxy Jaterê<sup>27</sup>. Segundo a sua bisavó, ele era o protetor da mata: de baixa estatura, com pele da cor da terra, cabelos lisos e pretos, e duas pernas e dois braços.

A casa ficava um pouco distante, mas já era visível da estrada. Era uma construção simples, onde sua bisavó vivia desde que havia se casado. A cozinha era aberta, com duas paredes de barro, formando uma área coberta por um telhado de palmeiras secas. Troncos de madeira que serviam como vigas, e entre elas pendiam duas redes. Um fogão a lenha, uma pia simples e um armário rústico de tábuas completavam o ambiente. O restante da casa situava-se ao lado da cozinha, separado por um corredor. Era uma casa modesta, mas repleta de artesanato. No quintal, uma vista para a natureza: um lindo açazeiro, um limoeiro, fumo e outras plantas.

Ela chegou correndo até a casa de Araci, mas ela não estava em lugar algum. Foi até a represa e, nostálgica, ficou observando as águas, como se revivesse as histórias contadas. Lembrou-se de quando lavava as vasilhas ali, colocando as panelas de barro no fundo da represa para capturar alguns peixes. Às vezes, via Cadu, o pequeno jacaré que habitava a represa, observando-a do outro lado, sempre atento. Inaiá, a capivara, brincava com ela e seus primos todo fim de tarde. Todos dividiam aquele espaço em harmonia.

---

<sup>26</sup> Uma encruzilhada é um lugar onde duas ou mais estradas se encontram.

<sup>27</sup> Jaxy Jaterê é considerado o guardião das florestas na mitologia do folclore Tupi-Guarani.

Malaika seguiu um caminho que levava aos fornos onde a farinha era torrada. Ela atravessou uma ponte de madeira frágil, em que a água corria lentamente, refletindo a beleza do céu. Mais adiante, avistou sua bisavó, parecia estar conversando com um senhor que lhe parecia familiar.

— Bisa! — gritou Malaika.

Araci olhou-a com surpresa e, com um tom de alegria, respondeu:

— Ayira! Como você chegou aqui? — chamou Araci, usando o nome indígena de Malaika.

Malaika deu mais alguns passos em direção à sua bisavó. Quando o homem ao lado de Araci se virou, ela viu aquele sorriso inesquecível, a postura tranquila que a acolhia sempre. Mas como era possível? Sentiu-se leve como o vento, incapaz de distinguir entre o presente e as lembranças.

— Painho... não pode ser... — murmurou ela, com a voz trêmula

Seu Luís mantinha a mesma feição serena de sempre, o sorriso contagiante. Ele abriu os braços, e Malaika correu até ele, sem tentar entender ou racionalizar aquele momento. A felicidade extrema a envolveu enquanto o abraçava. O cheiro familiar do amaciante nas roupas, o cheiro do cabelo, o perfume,... Tudo era dele, cada detalhe. O calor daquele abraço retirou todas as dúvidas e medos, e por um instante ela se permitiu viver inteiramente ali.

Ao afastar-se, fez uma reverência<sup>28</sup> para Seu Luís e para Araci, mas o calor do abraço ainda permanecia em sua pele, como se aquele momento fosse real e não um sonho.

— Estávamos torrando farinha de puba.<sup>29</sup> — explicou sua bisavó.

Malaika absorvia cada momento daquele dia, ao som das folhas ao vento embalava suas lembranças. O dia logo transformou-se em uma noite. Seu maior desejo era viver aquele momento para sempre. Os três, sentados ao calor da fogueira, partilhavam histórias envolvidas na mistura de aromas: o cheiro da lenha queimando

---

<sup>28</sup> A reverência está relacionada ao ato de reverenciar aquilo que é considerado sagrado.

<sup>29</sup> O puba é um produto obtido através da fermentação da mandioca.

misturava-se com o toque sutil de terra úmida e o cheiro da brisa fresca da noite com um toque verde das folhas das árvores.

Malaika observava as chamas, sentindo como se o fogo recontasse as histórias que ouvira na infância. Cada gesto de Seu Luís parecia um milagre, e ela o seguia como se não acreditasse que aquilo pudesse ser real.

— Volta, painho, volta para gente. Eu sinto tanta falta do senhor! — disse ela, com lágrimas nos olhos.

— Malaika, você sabe que, no lugar em que estou, não posso mais voltar. Não da maneira que você deseja. Mas estou sempre com você! — respondeu Seu Luís, com um sorriso sereno, ainda que triste.

— Eu sei.

— Minha filha, lembra-se do tempo do boi de Oxalá<sup>30</sup> que te ensinei? Devagar também é tempo; a vida não se apressa para atender nossos desejos. O dia em que ficaremos juntos por mais tempo chegará. Mas me diga: em que a sua saudade vai me transformar? Sua bisavó me contou a história de Mani esses dias.

— É mesmo? Conta de novo para mim, bisavó? — pediu Malaika, limpando as lágrimas do rosto.

Então, sua bisavó, com um sorriso sereno, entendendo o peso e a importância das palavras de Luís e buscando uma forma de confortar a bisneta diante daquela despedida, resolveu contar, da maneira mais tranquila possível, a lenda de Mani. Queria que, em suas palavras, Malaika pudesse compreender a magnitude de lidar com as próprias emoções. E então, começou a narrar a história:

— Mani era uma indígena que nasceu com a pele branca, surpreendendo os pais pela cor e pela beleza. Embora saudável, comia pouco e bebia menos ainda, passando os dias em silêncio. Um dia, Mani faleceu, mas com um semblante sereno, sem nunca ter reclamado de dor ou mostrado sinais de doença. Tristes, os pais a enterraram dentro da oca, e dizem que suas próprias lágrimas regaram o túmulo. Logo, uma planta começou a brotar, mas os indígenas daquela aldeia não sabiam o que era e a deixaram crescer.

---

<sup>30</sup> O "Boi de Oxalá", ou Igbin, é simbolizado pelo caramujo.

Quando finalmente foram ver, descobriram que as raízes da planta eram grossas e escuras por fora, mas com uma polpa branca, como a pele de Mani. Assim surgiu a primeira mandioca.

— Você tinha me perguntado em quê eu iria transformar a saudade que eu sinto do senhor, em que, eu ainda não sei, Painho... — declarou Malaika, pensativa. — Mas espero que seja tão lindo quanto a planta de Mani. Imagino uma dança tão bonita quanto a que dancei esses dias.

— E como era essa dança? — perguntou Seu Luís, curioso.

— Recebemos a visita de alguns estudantes e professores de outra faculdade de dança. — começou Malaika.

— A professora era incrível. Ela nos instigava a dançar de um jeito que só uma mestra saberia conduzir. Era uma poesia indescritível, impossível de caber em palavras, mas que se expressava em movimentos. À medida que o corpo aquecia, o suor brotava, dando ainda mais vida — se é que isso era possível — em uma vibração que só a percussão de um tambor poderia provocar.

— Vou aquecer o tambor para dançarmos essa dança. — aclarou Luís, animado.

— Eu toco o tambor, e vocês dançam! — respondeu ela, sorrindo.

— Tá bom. — aceitou Araci, com um sorriso singelo.

— Vai, bisa! — incentivou Malaika, sentindo-se leve, quase flutuando, enquanto o som do tambor dava vida à melodia envolvente daquele momento.

Todos dançaram felizes aproveitando cada momento. A bisavó encerrou a noite tocando o tambor, lançando um olhar carinhoso para Malaika e Seu Luís. À medida que a madrugada avançava, foram se dirigindo para suas redes, enquanto a música ecoava suavemente ao fundo.

Malaika hesitou antes de se afastar.

— Eu não quero dormir... vou te perder de novo — esclareceu ela, com os olhos marejados. — Painho, eu não sei se quero terminar a minha graduação...

— Malaika, você aprende a comer com talheres, mas isso não significa que precisa ser assim para sempre; podemos sempre voltar às nossas origens e comer com as mãos, pelo tempo que for preciso. Eles não podem fazer com que você esqueça de suas raízes. Você conhece o peso da sua origem, a história de seus antepassados que foram escravizados e forçados a dar voltas em torno do Baobá, a Árvore do Esquecimento, para esquecer sua cultura, identidade e história, para que não se rebelassem. Lembra-se de *Sankofa*, o pássaro que voa para frente com a cabeça voltada para trás e carrega no bico um ovo, representando o futuro? San quer dizer 'voltar', e kofa quer dizer 'buscar'.

— Você sabe que nunca vai me perder. Estarei sempre aqui com você!

— Fica até eu pegar no sono? — pediu Malaika, do mesmo jeito que fazia quando era criança.

— Painho, para você... quando nasce um professor?

— Quando nasce um professor? — repetiu ele, incrédulo. — Eu não sei. Mas sei que minha professora mais linda nasceu de um parto difícil, como se não quisesse viver neste mundo. E o que seria de mim sem ela, que me ensinou a cantar cantigas infantis, a cultivar paciência enquanto eu usava meu casulão em suas bonecas de espigas de milho, que me ensinou a dançar ao som do tambor e a me deixar permitir ser conduzido?

— Eu te amo, painho! — disse Malaika, sonolenta.

— Eu te amo mais, Malaika! — declarou Luís, quase num sussurro, com a voz trêmula.

Malaika caiu em um sono profundo. O silêncio da madrugada, pela primeira vez naquela noite, finalmente se fez presente, e o tempo parecia deslizar sem pressa, guardando memórias em cada canto. Mas o amanhecer logo chegou. O despertador soou vibrante, como a sirene de um colégio, interrompendo subitamente a magia daquela noite.

Ao acordar, muito atrasada e sem ter feito nada do que havia planejado no dia anterior, Malaika pegou o celular. Como esperado: cinco mensagens de Dona Canô, quinze de Apuã, oito de Carina e mais quarenta e cinco de outros contatos. As mensagens de Apuã tinham seu toque cômico habitual, sobre mais uma desilusão amorosa. Malaika ainda se lembrava da última vez que ela viveu algo parecido, antes de

conhecer Carina. Apuã passou dias remoendo aquela história, sempre o defensor dos desiludidos no amor.

A pessoa em questão era Frances. Ela possuía lindos cabelos curtos e cacheados que era tingido constantemente por cores diferentes: às vezes azul, roxo, ou loiro. Incrivelmente, todas as cores combinavam perfeitamente com ela. Tinha diversas tatuagens por todo o corpo. Frances era adepta ao relacionamento aberto<sup>31</sup>, o que, segundo ela, era a melhor escolha após muitas traições. Já Malaika, sendo monogâmica e com uma fé inabalável no amor, acreditava que faria Frances mudar de ideia ou pensaria melhor sobre ter um relacionamento aberto. As duas eram confiantes, despindo-se a ponto de revelar todas as cicatrizes de amores passados. Frances sempre reforçava que Malaika era a única em sua vida. Tinha tudo para ser uma bela história de amor que começou na dança. Mas acabou se tornando mais uma dolorosa desilusão amorosa.

Foi então que, em um domingo apático, Malaika viu uma foto de Frances com outra garota em uma rede social, acompanhada de uma legenda um tanto pragmática<sup>32</sup>: “São 16:40 da tarde, a luz invade nosso quarto de uma maneira tão avassaladora quanto meu encontro contigo. Você está no banho, enquanto eu tento guardar cada detalhe deste dia. Quero fazer deste dia um museu. Com você, aprendi o que realmente é o amor. Quero me deliciar em seus beijos para sempre, para sempre sua, Frances.”

Com Carina, Malaika nunca teve crises de ansiedade por esperar uma mensagem; pelo contrário, ela tinha crises de riso. Pela primeira vez, Malaika não precisava se traduzir para alguém. Foi em um dia quente, em uma sala grande, mas não tanto, que Malaika completou a canção que Carina estava cantando durante uma avaliação oral no curso de inglês. A canção cantada em outro idioma era Caju, da cantora Liniker. Malaika estava sentada ao lado da janela. Observava a paisagem, com a cabeça nas nuvens, acreditando que estava cantando baixinho, envolvida em seus pensamentos e movimentos sutis, até perceber que todos estavam a observando, inclusive Carina.

---

<sup>31</sup> O relacionamento aberto é um tipo de relacionamento no qual os parceiros envolvidos concordam, de forma consensual, em permitir que cada um tenha relações românticas, sexuais ou emocionais com outras pessoas fora da relação principal.

<sup>32</sup> Ser pragmático é ser prático, basear-se em evidências para tomar decisões.

Carina exibia cabelos ondulados, castanhos-escuros como ondas do mar, que contrastavam com sua pele clara. Seus olhos eram tão misteriosos quanto uma borboleta Olho-de-pavão-diurno<sup>33</sup>. Vestia uma camiseta preta sem mangas, calça jeans e um par de All Star azul. No pulso, um relógio prata. Carina tinha várias tatuagens: uma pequena cobra no braço, uma rosa no pulso, e a palavra "dood"<sup>34</sup>. No entanto, o que capturou a atenção de Malaika foi a tatuagem de uma andorinha no braço, talvez pelo canto ou pelo fato de ser um pássaro monogâmico. Malaika não sabia se deveria continuar cantando ou se parava de cantar, o sorriso de Carina a fez continuar.

Malaika usava brincos com desenhos de onças sobre fundo preto, feitos de miçanga, uma gargantilha de capim dourado, sua maquiagem era leve e natural, seu batom e blush era urucum. Seus cabelos soltos exibiam uma beleza fora do comum. No pulso esquerdo, usava uma fitinha vermelha. Com a timidez, ela ficou ainda mais encantadora e, ao mesmo tempo, um pouco atrapalhada.

Quando terminou a canção, disse: “Desculpe, foi sem querer. Na minha cabeça, eu estava cantando baixinho. Não consegui resistir a você... Não, à Liniker... quer dizer, à Caju.”<sup>35</sup>

Carina com as suas bochechas coradas respondeu confiantemente: “Imagina, você tem uma voz linda. Obrigada pela façanha.” Todos sorriram. E antes mesmo que as flores do ipê caíssem, encerrando a primavera, elas já estavam namorando. Carina era bombeira e, nas horas vagas, guitarrista de uma banda. Era extremamente organizado e interessado em conhecer outras culturas.

Carina passou pela cortina de miçangas da porta do quarto.

— Bom dia, Aime<sup>36</sup>. Estava com saudades de você! — evidenciou Carina, se aproximando de Malaika.

Tina latiu, e Carina completou:

---

<sup>33</sup> O olho-de-pavão-diurno (*Aglaia io*), também conhecido como borboleta-pavão, é uma espécie de borboleta pertencente à família Nymphalidae. Ela é conhecida pela sua aparência marcante, com asas coloridas e "olhos" que lembram as penas de um pavão, funcionando como uma defesa contra predadores, como pássaros.

<sup>34</sup> Dood é uma palavra que significa "morte" em inglês.

<sup>35</sup> LINIKER. *Caju*. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rPVVgNI1FS4>. Acesso em: 27 nov. 2024.

<sup>36</sup> Aime significa amor em francês.

— E de você também, Tina. Como passou a noite?

— Bom dia, Aysú.<sup>37</sup> Senti sua falta. Queria seu abraço quentinho ontem. Como foi o trabalho? Quase perdi a sua carona hoje! — falou Malaika.

— Não seja por isso — proferiu Carina, dando um abraço apertado em Malaika. — Foi um dia de trabalho bem agitado. Só para constar, presenciei uma situação que era a sua cara estar envolvida. Não vá tentar pular em um rio para salvar alguém, viu? Sei que você faria isso.

— Minha cara fazer isso, né? Não se preocupe, já sei o que fazer: chamar o salva-vidas ou ligar para o Corpo de Bombeiros. E se não conseguir nenhuma das duas alternativas por perto, e eu me sentir confiante o bastante para ajudar, vou procurar algo que flutue, um galho ou uma corda — explicou Malaika, sorrindo e repetindo pela décima vez o que Carina lhe havia ensinado.

Carina sorriu, orgulhosa, e disse:

— Quem te ensinou tudo isso?

— Minha namorada, Capitã do Corpo de Bombeiros. Gostou? — respondeu Malaika.

— Muito orgulho de você, aime! — proclama Carina, puxando-a para um beijo.

— Agora é a minha vez: se você estivesse em uma região distante e fosse picado por uma cobra jararaca, o que faria? — questiona Malaika.

— Procuraria por muúba<sup>38</sup>e faria um chá. — respondeu Carina.

— Um orgulho dessa mulher, vamos? — ponderou Malaika, com um sorriso.

— Vamos, tem lanche para você lá no carro. Trouxe seu beiju e café.

— Obrigada, benzin! — respondeu Malaika, contente.

---

<sup>37</sup> Aysú significa amor em tupi-guarani.

<sup>38</sup> Muúba (*Cheiloclinium cognatum*), também conhecida como goiaba-de-anta ou cipó-de-tracua, é uma planta nativa da Amazônia que é utilizada tradicionalmente na medicina popular por suas propriedades medicinais.

— Ontem, umas estudantes me contaram que viram uma cobra na escola. Elas a chamavam de “amiga”, umas queridas. E sim, chamaram o Corpo de Bombeiros para retirá-la.

— E como foram as aulas ontem, tirando a nossa querida Gardênia?

— Foi interessante. Brincamos de yapo<sup>39</sup>, uma brincadeira indígena. Mas a última aula foi um desastre, e foi aí que Gardênia descontou sua raiva em mim.

— Meu Deus, como pode alguém ser assim?

— Ela é tão desafiadora. Dimitri também era assim. Ele tinha uma forma intensa de conduzir as práticas, notávamos a sua frustração ao aceitar quando algo fugia do planejado. Só fui compreendê-lo melhor durante o segundo estágio, quando uma aluna adolescente compartilhou algo que me marca até hoje. Ela disse: “Tudo influencia na aula, principalmente a presença dos estudantes, presença por inteiro. Alguns vão porque gostam e outros por obrigação, e entender isso faz toda a diferença.” Percebi, então, que muitas coisas estão além do nosso controle e muitas delas estão ligadas aos estados de presença. — complementou Malaika.

— Ah, adolescentes são incríveis. Eu era um pouco difícil nessa fase. — comentou Carina.

— Gostei de dar aula de forró para esse público, eles foram se permitiram explorar e até criaram suas próprias coreografias. Conseguiram entender melhor o corpo e fazer conexões através do movimento.

Malaika olhou para Carina, curiosa.

— E você? Como era na escola?

— Você sabe que eu amo você, né? Mas provavelmente iria te dar trabalho no ensino médio ou fundamental. Eu vivia fora da sala de aula, uma vez fugi com meus amigos da aula de balé e nos escondemos no caminhão de merenda da escola, grandes descobertas. — confessou Carina.

---

<sup>39</sup> A brincadeira Yapo é uma atividade musical com raízes indígenas e africanas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rcBvsH7jqnc>. Acesso em: 27 nov. 2024.

— Eu era um anjo, então, perto de você! — respondeu Malaika sorrindo.

— Mas no ensino médio certamente eu me apaixonaria por você, seria aluna nota 10. — afirmou Carina.

— Um sonho ter notas como as de muitas escolas de samba, né? — comentou Malaika — Mas jamais te daria uma chance, credo. Ética em primeiro lugar. Hoje reflito mais sobre ser simpática, no geral, as pessoas já pensam que estou flertando. Ou desligada demais, e aí acham que eu não estava afim.

— Desde a adolescência, estava relembando essas histórias com Apuã. Teve uma vez que uma menina escreveu num papel: ‘Quero te beijar’. Respondi: ‘Então tá, vamos’, nem me atentei que seria após a aula, fui bem bonita pegar o meu ônibus. Depois, ouvi boatos de que ela disse que eu era muito difícil. — comentou Malaika, se divertindo ao lembrar a situação.

Carina, estava dando gargalhadas sinceras da história da namorada, limpou as lágrimas dos olhos, resultado de tanto rir. Balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— Eu amo que não consigo ter ciúmes da sua vida de solteira — continuou Carina, enxugando uma lágrima de riso que escapará. — Você é tão engraçada, faz jus ao seu signo. — ressaltou Carina.

— Pare de rir do meu passado. — falou Malaika, rindo de si mesma.

Após uma pausa, Malaika ficou pensativa, mudando o tom de voz, mas sem perder a alegria de sempre. Com o seu sorriso contagiante ainda presente em seus lábios, ela disse:

— Esses dias aconteceu algo interessante, lembrei de ti falando de "chanacomchana"<sup>40</sup>.

— Quê? Como assim? — sondou Carina. Ela desviou o olhar da estrada por um momento para olhar para Malaika.

— Lembra da Clara?

---

<sup>40</sup> Chanacomchana foi um boletim alternativo liderado por mulheres lésbicas, que circulou entre 1981 e 1987.

— Não... Ah, me desculpa. Quem é? São tantos discentes que às vezes esqueço.  
— exprimiu Carina.

Aquela era uma pergunta que acontecia com frequência. Todos ao seu redor assumem algum papel nessa jornada, seja ouvindo histórias ou, muitas vezes, ajudando na realização de alguma prática. Carina era uma das que estava sempre ao lado de sua amada, seja ajudando com videodanças<sup>41</sup>, fotoperformances<sup>42</sup> ou na elaboração de portfólios de estágio. Além disso, estava sempre disposta a buscá-la em seus diversos trabalhos.

Malaika era autônoma; às vezes, cobria Maressa na mercearia de Levi, ajudava Luara na confeitaria e dava aulas de dança. Após receber muitos “nãos”, frequentemente encontrava serviços que não conseguia conciliar com o horário em que ocorriam as disciplinas da faculdade, e, outras vezes, não conseguia emprego por falta de experiência comprovada na área.

— A aluna que gosta de fantasias da Patrulha Canina. Hoje eu fiz três esculturas de passarinhos. Clara, aproximou-se de mim, apontando para os pássaros e disse:

— Papai, mamãe e filhinho.

Respondi:

— Pode ser mamãe, mamãe e filhinho?

A pequena retrucou, balançando a cabeça:

— Não, não. Papai, mamãe e filhinho.

Tentei mais uma vez:

— Vovó, mamãe e filhinho pode ser?

— Após uma pausa, ela respondeu com um “pode” meio choco.

---

<sup>41</sup> A videodança é uma manifestação artística que integra dança e recursos audiovisuais.

<sup>42</sup> A fotoperformance é uma expressão artística que une a dinâmica da performance com elementos da fotografia.

— Talvez seja uma boa inserir livros sobre o tema. Eu estava lendo os livros infantis que você deixou lá em casa — diz Carina — Contínuo terminando *Os Tesouros de Monifa*<sup>43</sup>, depois vou ler *Catando Piolhos, Contando Histórias*<sup>44</sup>, viu? — complementa Carina.

— Sim, farei isso! Lembrei de você falando sobre uma matéria de Chanacomchana que tratava sobre a definição de família. — diz Malaika.

— Ah, sim. Chanacomchana (1995) buscavam ressignificar o termo da família, abordando a pluralidade de seus significados e discutindo que existem outras formas de criar uma família, sem a presença de um pai. É importante também explicar termos pejorativos como "sapatão". — diz Carina.

— Ainda bem que conseguimos ressignificar essa palavra. O que antes era usado de maneira pejorativa, para ofender e estereotipar mulheres que usam um visual dito como "masculino", hoje é um termo usado como afirmativo — diz Malaika.

— Mais ou menos, ainda usam esses termos como ofensa, especialmente com lésbicas que não gostam desse termo. O patriarcado impõe uma feminilidade para todas as mulheres, e para podermos "pertencer" à sociedade, agem como se tivéssemos que assumir papéis heterossexistas em nossas relações — desabafou Carina.

— Sinto muito, Aysú, por você e por muitas mulheres passarem por isso — falou Malaika, encostando a cabeça no ombro de Carina. — Aprendo tanto com você. Fico feliz que os pré-adolescentes e adolescentes já estão tendo um bom entendimento sobre esses assuntos. Esses dias, em um estágio, um aluno perguntou para Apuã se ele era gay, ele respondeu que sim, e o garoto que tinha por volta dos seus 9 anos, afirmou que ele e seu amigo também eram. Ele estava radiante, como se sentisse representado por Apuã.

---

<sup>43</sup> *Os Tesouros de Monifa* (Sonia Rosa, 2009) o livro narra o encontro de uma menina brasileira afrodescendente com sua tataravó Monifa, vítima do tráfico no navio negreiro. Uma mulher que aprendeu a ler e escrever e, por meio das palavras, essa ancestralidade um dia chega nas mãos de sua tataraneta.

<sup>44</sup> *Catando Piolhos, Contando Histórias* (Daniel Munduruku, 2006) narra as memórias de infância de um menino indígena que compartilha as tradições do povo Munduruku. Essas tradições eram transmitidas em momentos especiais, quando os mais velhos contavam enquanto histórias catavam piolhos dos cabelos das crianças.

— Que bom que te inspirei, Benzin. Onde você conheceu Apuã? Acho que você nunca me contou. — perguntou Carina.

— Conheci Apuã através de professor<sup>45</sup> Kim, na 19ª edição do Acampamento Terra Livre — continuou Malaika — Movimento que me fez pensar em como manter vivas histórias como a de parente<sup>46</sup> Tibira do Maranhão<sup>47</sup>, executado em 1614, por causa de sua orientação sexual.

— Só não se esqueça que até as heroínas precisam descansar!— ressalta Carina com um sorriso.

— Eu sei. Chegamos?

— Chegamos! Tenha um ótimo dia, Aime! — diz Carina, se despedindo com um beijo.

— Tchau, Aysú, obrigada. Tenha um ótimo dia também! — responde Malaika.

Naquela manhã, Malaika seguia para a aula mais esperada da semana. Sexta-feira era o dia do Núcleo Livre<sup>48</sup>, e, naquele semestre, ela havia escolhido a disciplina As Poéticas do Cinema, no curso de Artes Visuais.

O professor da disciplina, Oliver — conhecido popularmente como Oli — formou-se em Dança por paixão, mas seguiu o amor pelas artes visuais no mestrado e doutorado. Despojado, tinha suas camisetas cobijadas por onde passava. Além disso, era dono de uma beleza única, com olhos expressivos que encantavam.

Ele era um dos poucos professores negros da Faculdade de Artes Visuais, o que fazia dele uma inspiração para a permanência de muitos naquele ambiente.

— As aulas do Oliver são um respiro pra mim — costumava dizer Malaika.

---

<sup>45</sup>"Professore" é a forma neutra da palavra "professor".

<sup>46</sup> O termo parente significa que os indígenas compartilham interesses em comum, tais como os direitos coletivos, a história de colonização e a luta pela independência sociocultural de seus povos em relação à sociedade global.

<sup>47</sup> Conhecido popularmente como Tibira do Maranhão, foi um indígena tupinambá executado devido à sua orientação sexual, sob influência da Igreja Católica.

<sup>48</sup> O Núcleo Livre é composto por disciplinas oferecidas em algumas universidades, que permitem aos discentes escolher matérias fora de seu curso principal.

Oli chamava suas aulas de “recreio”, mas, era muito mais do que isso. Ele tornava o ambiente acolhedor com a sua presença, ele tinha um jeito único de se conectar com as diferentes idades presentes em sua turma. Naquela manhã, o filme escolhido foi *Deserto Particular*<sup>49</sup>.

A trama narra a vida de Daniel, um policial suspenso e alvo de investigações que vivia em Curitiba. Sua rotina monótona se resumia a cuidar do pai idoso, que sofria de demência, e a trocar mensagens com Sara, uma mulher transexual<sup>50</sup> que conhecera nas redes sociais. Quando Sara desaparece, Daniel parte em sua busca no sertão baiano a sua procura.

Ao final do filme, Malaika comentou:

— Você me prometeu que não teria final triste.

— Não. Eu prometi que ninguém morreria. É um ato político não mostrar filmes em que pessoas da comunidade morram no final. — replicou Oli, com um sorriso discreto.

— E não dá na mesma?

— Mas a vida é assim. Pelo menos eles tiveram a sorte de viver um amor recíproco por alguns dias. Tem gente que nem isso consegue. E, afinal, o que é um final feliz?

— Quando o plano de aula<sup>51</sup> dá certo, por exemplo. — responde Malaika.

— E os seus já deram? Porque os meus seguem dando outros resultados, diferentes e inesperados.

Malaika o olhou, intrigada, enquanto ele continuava:

— O plano de aula é só um mapa, um apoio, mas o caminho pode mudar. É humano se apegar aos roteiros, mas há um abismo entre a expectativa e a realidade. Nesse abismo, encontramos o imprevisto, a criatividade do outro, o acaso. E é nesse espaço que negociamos o que soltar e o que segurar. É um desafio alinhar tudo com o plano de

---

<sup>49</sup> *Deserto Particular* é um filme brasileiro dirigido por Aly Muritiba, que narra a jornada de um policial suspenso, em busca de um misterioso amor virtual no interior do Brasil. A trama aborda temas como identidade, aceitação, abordando de uma maneira detalhada a representatividade LGBTQIA+. O filme foi indicado ao Oscar de Melhor Filme Internacional em 2022.

<sup>50</sup> As transexuais são as pessoas que têm o sexo oposto ao designado pelo seu sexo biológico.

<sup>51</sup> O plano de aula é um documento realizado por professores para estabelecer o tema da aula, o objetivo, o conteúdo, a metodologia a ser utilizada e a avaliação a partir do conteúdo ministrado.

ensino<sup>52</sup>, transmitir tudo o que se espera. — continuou Oliver — Mas é sobre isso, né? Se eu conseguir transmitir o que Ana Mae Barbosa (1998) fala, sabe, sobre a importância dos museus e centros culturais para combater a ideia de que a arte é inacessível e proporcionar autonomia e confiança às pessoas, em vez daquele sentimento de ignorância... já me sinto realizado. — concluiu Oliver.

Ela sorriu, pensativa. Depois, continuou o mesmo assunto com outro tom:

— Falando em estágio, o próximo já será o meu último.

— Marli continua como professora de estágio?

— Sim.

Oliver sorriu com certa nostalgia:

— Que privilégio. Lembro quando só tinha duas professoras negras no curso de Dança.

— E daqui uns dias terão mais, tá? E sonho com um dia que teremos mestras e mestres dos saberes também.

— Tenho certeza de que essa realidade está próxima, graças às deusas! — clamou Oliver, sorrindo largo.

---

<sup>52</sup> O plano de ensino é um documento elaborado por professores para orientar os conteúdos e estratégias pedagógicas a serem trabalhados no ano.

## O brejo não impede que o buriti floresça

O tempo foi passando, e o penúltimo semestre terminou tão rápido quanto os outros, numa velocidade assustadora. O último semestre começou com tamanha intensidade que Malaika mal teve tempo de perceber as mudanças entre os dias que corriam. Toda vez que passava em frente à casa de Dona Canô, sua esperança de ouvir aquela voz querida se reacendia. A rua ainda exalava o mesmo aroma de jasmim, a presença do canto dos canarinhos, que pareciam vigiar a casa. Mas o cinza do reboco, agora tão desbotado, não transmitia mais o mesmo aconchego de antes. Faltava o som inconfundível da risada de sua mainha, que parecia dominar a arte de acalmar seu coração inquieto.

Naquela tarde, Malaika desceu pensativa, sobre a lacuna que se fazia presente, a ausência de mainha. Desceu do ônibus em seu setor, ainda imersa com pensamentos sobre a volta de Dona Canô. Tina a aguardava no ponto, radiante, como se quisesse contar-lhe algo.

— O que foi, Tina? Você destruiu a horta da tia Vilma? — perguntou Malaika, sorrindo.

Tina latiu, chateada pela incapacidade de Malaika de decifrar a sua mensagem, que parecia tão séria. Mesmo assim, Malaika seguiu adiante, com Tina ao lado.

Quando estava passando pela casa de Dona Canô, Tina latiu novamente. Malaika olhou e observou que a porta estava entreaberta; com um par de tamancos Azaleia na entrada.

— Mainha chegou, Tina! — afirmou, com alegria, enquanto corria até a porta. — Mainha! — exclamou, incrédula.

— Malaika, estou na cozinha! — respondeu Dona Canô.

— Ai, mainha, senti tanta saudade da senhora! — declarou Malaika ao chegar, correndo para abraçá-la.

— Eu também senti tanta saudade de você, minha filha! — certificou Canô, abraçando-a com toda a força que pode.

— A bença, mainha.

— Deus te faça feliz!

— Como foi a viagem? A senhora se divertiu?

— Foi tão bom, minha filha. Eu ajudei no parto e ainda fui ao brejo buscar buriti! — Dona Canô estava radiante, com uma energia que Malaika não via há tempos.

— A senhora fez o quê? — Malaika perguntou, impressionada.

— Venha cá! Tem doce de buriti. Na verdade, faz todo sentido chamarem de árvore da vida, é linda. Queria tanto que você estivesse lá.

— Mainha, eu não acredito que a senhora entrou no brejo! A senhora sempre teve medo!

— O medo já nasce grande, né, minha filha? A gente tem que respeitar, mas não deixar que ele nos domine. E digo mais: ainda bem que entrei.

— Você já viu o lírio do brejo<sup>53</sup>? É uma planta linda! — disse Dona Canô, empolgada, mostrando uma foto em sua câmera fotográfica. — Eu queria trazer, mas dizem que ela só se dá bem em terrenos alagados.

— Que lindo, mainha! Dizem que é o lírio de Oxum, nunca vi de perto. É verdade que tem um cheiro fresco?

— Fresco e contagiante. Parece uma borboleta. — exprimiu Dona Canô, contente.

— Esse doce é uma delícia. Foi a senhora que fez? — perguntou Malaika, saboreando.

— Sim, com a ajuda da sua bisa. Fui passar um fim de semana com ela. Incrível como vocês se parecem. — murmurou Dona Canô, com um sorriso carinhoso.

— Não tem foto dela? Sinto saudades da bisa!

---

<sup>53</sup> O lírio-do-brejo, cujo nome científico é *Hedychium coronarium*, é uma planta perene nativa da Ásia Tropical. Possui uma folhagem verde exuberante e flores brancas de beleza incomensurável.

— Ela não quis tirar, disse para você ir lá vê-la. Um dia fomos pescar e só voltamos à noite. Peguei um peixe enorme, e olha que não é história de pescador!

— Vou visitar no Ara Ymã (tempo velho)<sup>54</sup>, assim que me formar. Quero passar um tempo com ela. Mas cadê a foto do peixe?

— Fiz melhor, trouxe comermos juntas. — tagarelou Dona Canô, mostrando o peixe.

— Como a senhora fez para trazer isso? Mainha, a senhora não pagou excesso de bagagem?

— Claro que não! Bem embaladinho, não dá problema nenhum. E fiz amizade com a mãe de um dos motoristas; ela me ajudou com o preço.

— A senhora conhecia já a conhecia?

— Conheci em Natividade, no Tocantins. Ela me contou a lenda da cobra grande. Parece que essa história vem dos indígenas do povo Xerente, que viviam nas margens de um rio antes chamado de Inferno. Na época, houve um grande surto de febre, e as beatas acharam que o rio era amaldiçoado. A cobra estaria entre a Lagoa Encantada e a igreja. Dizem que, enquanto existirem rezadeiras orando para Nossa Senhora aos sábados, o povo estará protegido. — contou Dona Canô.

— Dizem que ela aparece em noites de lua cheia. A gente poderia ir lá ver, né? Agora que a senhora está nessa nova fase mais aventureira.

— Também não é para tanto! — repreendeu Dona Canô, sorrindo.

— Mas a senhora até agora não me contou sobre o parto de Artemisa. Com quem o bebê se parece? — sondou Malaika, curiosa. — Esses dias, em uma aula, eu comentei que a senhora é parteira. Minha professora, que também é parteira, falou sobre como eram os partos antigamente. É uma disciplina sobre ancestralidade. Quando contei uma de suas histórias, todos me olharam com os olhos arregalados. Acredita que minha professora já fez uma performance<sup>55</sup> retratando um parto normal? — completou.

---

<sup>54</sup> O Ara Ymã (tempo velho) é o período correspondente ao outono e inverno, na cultura Tupi-Guarani.

<sup>55</sup> A performance é uma forma de expressão artística que integra múltiplas linguagens, como teatro, música e artes visuais.

— O parto de Artemisa foi no rio à noite, de cócoras. Ela só ia nascer na lua nova, eu estava observando a constelação do Homem Velho. O nascimento aconteceu de maneira rápida, quando vi o cordão já estava sendo cortado, respeitando o momento que a placenta parou de pulsar.

— Antigamente, esterilizavam a tesoura com cachaça, né? — consultou Malaika.

— Sim, hoje temos mais facilidade com o álcool. Rezamos e depois enterramos a placenta no quintal. Coloquei uma fitinha vermelha para não ter quebranto.

— A senhora é incrível, né, mainha? A senhora poderia pensar em dar cursos. Seria uma ótima professora!

Dona Canô refletiu por alguns instantes e, olhando para Malaika, proferiu:

— Falando nisso, Maika, quando nasce uma professora? Já encontrou uma resposta para essa pergunta? — sondou Dona Canô, com um olhar curioso.

— Estimar quando não sei bem. Talvez eu passe a vida toda tentando entender essa pergunta. Acho que não existe uma resposta absoluta. Me encontrei durante os estágios quando entendi um pouco do que era na prática, compreendi as frustrações de muitos professores. No fundo, somos uma obra inacabada tanto na vida quanto na profissão. — Sabe, Mainha — continua Malaika — Esses dias, vi mais uma vez o quadro *Festa Junina*<sup>56</sup> (1963), de Heitor dos Prazeres. Se tornou uma inspiração proporcionar momentos como aquele nas minhas aulas. Além de lembrar obras como *A Pior Visão*<sup>57</sup>, aquela série de 2019. Continuar, a contar nossa história, a história de nossas e nossos ancestrais.

Dona Canô, emocionada, observava Malaika. Observava cada gesto como se admirasse seu crescimento e sugeriu, com um tom sereno:

— Vamos lá no quintal, tenho algo para te mostrar.

— Que pé de romã lindo, mainha! É aquele que plantamos juntas? — perguntou Malaika, encantada.

---

<sup>56</sup> O quadro retrata uma Festa Junina.

<sup>57</sup> "A Pior Visão" ou "The Worst Sight Series" é uma série de pinturas realizadas por Kevin "WAK" Williams. As obras retratam o reflexo dos navios negreiros nas pupilas das pessoas, tornando explícita a pior visão.

— Sim, sabia que a romã começa a dar frutos por volta do segundo ou terceiro ano? Esse tempo é necessário. Dizem que a romã pode viver até cem anos.

— Que interessante, acho linda a forma como descreve o crescimento de suas plantas. — interpelou Malaika, curiosa.

— Nós nunca mensuramos nosso esforço; sempre achamos que fizemos pouco. “E se eu tivesse feito mais? E se tivesse feito diferente?” Mas quase não dizemos: “Eu fiz o melhor que pude naquele momento.” Quando olho para essa romã, penso nas frutas que já colhi, e nenhuma delas era exatamente igual.

— Vamos sentar lá na mesa? — sugeriu Dona Canô.

— Que tal irmos para a rede de painho? — propôs Malaika, com um sorriso.

Dona Canô hesitou por um momento, pensativa, relutante com a ideia.

— Eu tive um sonho com ele, mainha, um desses dias. Ele gostaria disso, vamos!

Chegando na rede, Dona Canô sentou-se, ainda com certo receio. Malaika acomodou-se no chão ao lado dela, deitando a cabeça no colo de Canô, em busca de aconchego.

— Não lhe contei ainda sobre meu último estágio, né, mainha?

— Conte, estou curiosa! — exclamou Dona Canô.

— Meu último estágio, no campo informal, tive o prazer de trabalhar com pessoas de todas as idades. Fizemos uma atividade em grupo. Os passos de *Obwisana*<sup>58</sup>... foi bonito ver, todos em círculo. A brincadeira é com pedra, mas fizemos com sapatos, e deu certo do mesmo jeito. Fiquei um pouco frustrada por demorar um pouco mais para pegarmos o ritmo da brincadeira. Depois refleti que não se trata de “1, 2, 3, e vai”, cada estudante tem o seu próprio tempo e em conjunto criamos um ritmo bom para todas as pessoas envolvidas. — concluiu Malaika, pensativa.

Dona Canô ouvia atentamente, acariciando os cabelos de Malaika.

---

<sup>58</sup> "Obwisana" é uma canção tradicional de Gana, na África Ocidental, frequentemente utilizada em jogos infantis. A palavra "obwisana" significa algo como “bater juntos” ou “jogar juntos” e está relacionada à prática de bater pedras ou outros objetos enquanto se canta a canção. Para mais informações, acesse: <https://almapreta.com.br/sessao/alma-pretinha/brincadeiras-afrodiasporicas-ancestralidade-autoaceitacao/>.

— Ah, e nem te contei! Vi uma apresentação <sup>59</sup>Cacuriá de Dona Teté. Na hora, pensei em você! — relembra Dona Canô.

— Sério, mainha? Que chique! A dama da cultura popular maranhense! Eu adoro dançar ao som de "Passarinho Verde".

— Passarinho Verde? Essa eu não lembro! — redarguiu Dona Canô, franzindo a testa e tentando recordar.

— Não lembro dessa música. — alegou Dona Canô.

— Como assim? A senhora vivia cantando para mim.

— Não lembro mesmo.

— É assim, mainha:

#### **Passarinho Verde**

Passarinho verde  
Bateu asas para voar  
Bate as asas e abre o bico (Refrão)  
para cantar cacuriá

É bonito o campo verde  
Quando vem raiando aurora  
Passarinho abre o bico  
Bate as asas, canta e chora

Lá vai uma, lá vão duas  
Minha laranja de cima  
Minha cabeça é meu mestre  
Meu juízo é quem me ensina

(Dona Teté, 2006)<sup>60</sup>

Malaika foi se levantando e começou a dançar em volta da rede em que Dona Canô estava. Seus passos eram marcados com o rebolado do quadril e muito improvisado.

---

<sup>59</sup> Cacuriá é uma dança típica do estado do Maranhão.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xk-4-SYMmx0>. Acesso em: 27 nov. 2024.

— Vem, mainha, dança comigo!

— Não tenho mais idade para isso, minha filha.

— Não diga isso. E existe idade para começar ou parar de dançar? Vem, foi a senhora quem me ensinou a dançar!

Dona Canô sorriu e logo se levantou da rede para acompanhar Malaika e Tina. Seguindo os passos de Malaika, foi lembrando os movimentos que fazia antigamente. As duas dançaram juntas, entregando-se a cada verso daquela canção. A alegria e a lacuna entre as duas gerações se uniram em um único ritmo do cacuriá.

Bilhete da autora

Querido leitor,

Se algum dia a coreografia da vida parecer difícil e você precisar de alguém que acredite em você, imagine-me ao seu lado, torcendo por seus passos. Mas lembre-se: só você conhece seus limites e só você sabe quando é a hora de parar e de recomeçar. Aprimore-se, mas sem perder a pureza da sua originalidade. Que o “pouco de muito” seja o bastante para você.

Acima de tudo, aprenda a se acolher. Espero que entenda que o brejo não impede o buriti de florescer, assim como muitos ambientes nos quais estamos inseridos. Que sua arte brote onde você estiver.

Com carinho,

Aya Inã



## **A escrita pode mudar sentimentos**

Araguaína, 14 de novembro de 2024.

Aya Inã,

Ao ler seu conto, voltei para minha árvore, até então esquecida, deixada de lado na tentativa de me enquadrar no que esperavam de mim. Quis dançar com você inúmeras vezes ao ler seu texto. E não só quis: dancei. Em alguns momentos, eu caí, mas o curioso é que agora o desespero não se fazia mais tão presente. Compreendi que, ao entender a importância de nossa própria dança, tornamo-nos mais livres para nos permitir cair, sabendo que existem inúmeras maneiras de se levantar. O brejo já não me assusta, e o esquecimento já não me atormenta.

Seu texto me ajudou a compreender a complexidade de ser professor, e a distinguir o que é abuso e o que é exigência. Isabel Marques (2003) afirma que o uso de vocabulário diminutivo não define uma metodologia menos tradicional. Sei comer com as mãos e com talheres, mas, quando me esquecer de quem sou, voltarei ao meu barco e seguirei a tradição de comer com as próprias mãos pelo tempo necessário para me reencontrar.

Quando a ave fantasma chegar, anunciando minha partida, que eu possa olhar para trás e ficar feliz com a história que construí. Quero apreciar as minhas romãs que florescem a cada dia. Que eu nunca esqueça o peso da reflexão feita por Ailton Krenak na Academia Brasileira de Letras (ABL) em abril de 2024: "Será que nessa cadeira cabem 300?". Como dizia Mário de Andrade: "Eu sou 300, sou 300."

Mas me diga, autora, em qual parte do oceano você está?

Com gratidão,

André

## Referências

ALVES CASTRO, P.; VASCONCELLOS TERRA, D. **O fuxico narrativo: um modo de (fa)ser pesquisa**. Revista Cocar, [S. l.], v. 19, n. 37, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7123>. Acesso em: 30 ago. 2024.

AMÉRICA MARAVILHOSA. **Você conhece o significado das palavras Sawabona e Shikoba?**. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/voce-conhece-significado-das-palavras-sawabona-shikoba/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

ANZALDÚA, Glória. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Territórios e lutas sociais: insurgências e resistências contra a mercantilização da vida**, v. 2, 2020.

ARRUDA, Rinaldo Gomes de. **Diálogo entre saberes e experiências corporais indígenas: os desafios da colonialidade e a epistemologia do corpo**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 33., 2022, Belém. Anais [...]. Belém: ABA, 2022. Disponível em: [https://www.portal.abant.org.br/evento/rba/33RBA/files/1661441180\\_ARQUIVO\\_b7d08656f05298c95016a80ca83a80eb.pdf](https://www.portal.abant.org.br/evento/rba/33RBA/files/1661441180_ARQUIVO_b7d08656f05298c95016a80ca83a80eb.pdf). Acesso em: 15 out. 2024.

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. Planeta Estratégia, 2021.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Tópicos utópicos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1976.

**BÍBLIA SAGRADA**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

**CHANACOMCHANA (boletim)**. São Paulo: Grupo de Ação Lésbica-Feminista, n. 7, abril/1985.

**CHANACOMCHANA (boletim)**. São Paulo: Grupo de Ação Lésbica-Feminista, n. 8, agosto/1985.

**COSMOPOLÍTICAS DO CUIDADO. Sonhos, cinzas, cantos e outros cuidados no parto.** 2023. Disponível em: <https://cosmopoliticasdocuidado.net/taianacan-items/1549/4307/Sonhos-cinzas-cantos-e-outros-cuidados-no-parto.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.

COSTA, EV da. **Eros Volúsia.** Revista Espaço Acadêmico , v. 230, pág. 154-166, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60178>. Acesso em: 17 ago. 2024.

DE ASSIS, Joaquim Maria Machado. **Dom Casmurro.** Penguin Clássicos, 2024.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória.** 1ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

FERREIRA, Fabiana de Moraes. **Livro critica relação da princesa Isabel com o fim da escravidão.** Jornal da USP, 12 dez. 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/livro-critica-relacao-da-princesa-isabel-com-o-fim-da-escravidao/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

FERRAZ, T. G. **A dança Sussa no município de Cavalcante/Goiás: possibilidades no contexto educacional.** 2022. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) — Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://shorturl.at/dfzMU>. Acesso em: 30 ago. 2024.

GLICÉRIA (Célia de Tupinambá); LUANA. **Diversidade, pluralidade, democracia e ativismo.** YouTube, 2024. Disponível em: <https://youtu.be/YLztgMOACr0>. Acesso em: 25 nov. 2024.

G1. **Tocantins tem peixes, arraias e até plantas ameaçadas de extinção.** Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2020/07/09/tocantins-tem-peixes-arraias-e-ate-plantas-ameacadas-de-extincao.ghtml> . Acesso em: 23 ago. 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Indígena ou índio? Por que você não deve usar o segundo termo.** UOL Ecoa , 19 abr. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/deutsche-welle/2023/04/19/indigena-ou-indio-por-que-voce-nao-deve-usar-o-segundo-termo.htm> . Acesso em: 19 set. 2024.

**ENTRE.** Entrevistas. 2021. Disponível em: <https://entre-entre.com/entrevistas/1>. Acesso em: 15 out. 2024.

FRATERNIDADE – FEDERAÇÃO HUMANITÁRIA INTERNACIONAL. **A árvore sagrada do povo indígena Warao.** 2023. Disponível em: <https://www.fraterinternacional.org/a-arvore-sagrada-do-povo-indigena-warao/>. Acesso em: 15 out. 2024.

FRATERNIDADE INTERNACIONAL. **A árvore sagrada do povo indígena Warao.** 2024. Disponível em: <https://www.fraterinternacional.org/a-arvore-sagrada-do-povo-indigena-warao/>. Acesso em: 13 out. 2024.

G1. **Pesquisadores fazem germinações de plantas raras e ameaçadas de extinção no Cerrado do TO.** Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2021/12/12/pesquisadores-fazem-germinacoes-de-plantas-raras-e-ameacadas-de-extincao-no-cerrado-do-para.ghtml>. Acesso em: 23 set. 2024.

GG NOTÍCIAS. **Porto Nacional-TO: conheça a lenda em torno da Catedral Nossa Senhora das Mercês.** 2023. Disponível em: <https://ggnoticias.com.br/noticia/25792/porto-nacional-to-conheca-a-lenda-em-torno-da-catedral-nossa-senhora-das-merces.html>. Acesso em: 13 out. 2024.

GLEICIANA, Saraiva de. **Considerações críticas sobre uma possível criminalização da homofobia no Brasil e as consequências da ausência legislativa.** Revista Espaço Acadêmico, v. 210, pág. 29-38, jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60178/751375152627>. Acesso em: 16 set. 2024.

HARTMAN, Saidia. **Vênus em dois atos.** Revista Eco-Pós, v. 3, pág. 33/12/2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** Arte de capa: Alceu Chiesorin Nunes. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

LUNETAS. **Dia dos Povos Indígenas: como as escolas podem evitar estereótipos.** Disponível em: <https://lunetas.com.br/dia-dos-povos-indigenas-como-escolas-podem-evitar-estereotipos/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

Machado, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita.** São Paulo: Ática, 2004

MARQUES, Isabel. **Metodologia para o ensino de dança: luxo ou necessidade.** Lições de dança , v. 4, p. 135-160, 2003.

MARTINS, Larissa Pinto. **CHANACOMCHANAÉ UM BARATO! Afetos e Pedagogias na Imprensa Lésbica.** 2020. 120f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2020. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/d643c914957f4d446e2269043d4cdd28.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MORAIS, Lucinete Aparecida de. **Se benze** [E-book]. 2. ed. Diagramação e identidade visual: Nayara Gonçalves; Fotografia: Fernando Arkanjo. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. 1 arquivo: PDF. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/Se\\_Benze\\_-\\_Ebook.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/Se_Benze_-_Ebook.pdf). Acesso em: 10 ago. 2024.

MOURA, Eduardo Júnio Santos. **Arte/educação decolonial na América Latina.** Cadernos de Estudos Culturais , v. 21, pág. 31-44, 2019.

MUNDURUKU, Daniel; CERNICCHIARO, Ana Carolina. Entrevista: **Daniel Munduruku, literatura para desentortar o Brasil.** Crítica Cultural , v. 1, pág. 15-24, 2017.

MUNDURUKU, Daniel; MATÉ. **Catando piolhos, contando histórias.** Brinque-Book, 2006.

MULTIRIO. **Astronomia indígena e ensino fundamental 2. 2023.** Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/17550-astronomia-ind%C3%ADgena-e-ensino-fundamental-2>. Acesso em: 15 out. 2024.

MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS. **Ano Novo sábado e calendário Guarani são temas de evento no Museu das Culturas Indígenas neste (19).** 2023. Disponível em: <https://museudasculturasindigenas.org.br/noticias/ano-novo-e-calendario-guarani>

-sao -temas -de -evento -no -museu -das -culturas -indigenas -neste -sabado -19 / .

Acesso em: 15 out. 2024.

MUSEU DO CERRADO. **Danças**. Disponível em: <https://museucerrado.com.br/arte/arte-cenica/dancas/>. Acesso em: 30 set. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores**. 1.ed. Fortaleza: EDUECE, 2015.

PORTAL AMAZÔNIA. **Lendas do Tocantins: conheça 5 lendas do estado, caçula do país**. 2024. Disponível em: <https://portalamazonia.com/tocantins/lendas-do-tocantins-conheca-5-lendas-do-estado-cacula-do-pais/>. Acesso em: 13 out. 2024.

PRIORE, Maria del. **O castelo de papel**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

ROSA, Sônia. **Os tesouros de Monifa**. Brinque-Book, 2009.

Revista Revestres. **Começo, Meio e "Começo"**. Revista Revestres . Disponível em: <https://revistarevestres.com.br/entrevista/comeco-meio-e-comeco/> . Acesso em: 14 jun. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **"A terra dá, a terra quer."** Revista e-Currículo , v. 2, 2020. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3398788&forceview=1> . Acesso em: 29 set. 2024.

SINASEFE IFES. **Constância D'Angola: conheça uma mulher negra escravizada que teve seu bebê arrancado de suas mãos e jogado em uma fornalha**. 2022. Disponível em: <https://sinasefeifes.org.br/2022/11/24/constancia-dangola-conheca-a-mulher-negra-escravizada-que-teve-seu-bebe-arrancado-de-suas-maos-e-jogado-em-uma-fornalha/> . Acesso em: 30 set. 2024.

TERRA. **Ministra sueca causa polêmica ao cortar bolo em forma de mulher negra**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/europa/ministra-sueca>

-causa -polemica -ao -cortar -bolo -em -forma -de -mulher -negra . 491cff0dfbada310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD .html . Acesso em: 30 set. 2024.

TERRA. Mulheres indígenas são banalizadas e vulgarizadas, dizem ativistas. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/mulher-indigenas-sao-b-e-v-diz-ativista>. Acesso em: 30 set. 2024.

TOCANTINS. **Suca e Jiquitaia: persistência da tradição com apoio da Secult.** Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/suca-e-jiquitaia-persistencia-da-tradicao-com-apoio-da-secult/3d95li6cup9c>. Acesso em: 30 set. 2024.

TUXÁ, Dinamam. **Educação contra estereótipos e preconceitos.** Agência Brasil , 14 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/dire-humanos/áudio/2023-04/dia-dos-povos-indigenas-educacao-contra-estereotipos>. Acesso em: 19 set. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Muitas fugiram ao me ver** (Carolina Maria de Jesus). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/enunciarcotidianos/2017/05/04/muitas-fugiam-ao-me-ver-carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Sara Barartman (1789-1815).** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/sara-baartman-1789-1815/>. Acesso em: 30 set. 2024.